

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

Alexandre Torres Ferreira Brandão

O COMPORTAMENTO PSICOPÁTICO NO AMBIENTE CORPORATIVO:

Uma análise pela psicologia analítica

São Paulo

2015

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

Alexandre Torres Ferreira Brandão

O COMPORTAMENTO PSICOPÁTICO NO AMBIENTE CORPORATIVO:

Uma análise pela psicologia analítica

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob a orientação do Prof. Paulo Roberto Moreira.

São Paulo

2015

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Sueli Torres e Augusto Brandão, pelos incentivos, lições e carinho.

Aos amigos da minha infância que até hoje ainda estão comigo. Do colégio e de casa. Tenho cada um de vocês comigo.

Aos amigos que fiz na faculdade, pelos cinco anos tão memoráveis a tal ponto de me angustiar deixar essa universidade.

Aos professores com os quais tive boas aulas e me introduziram a esse mundo do conhecimento.

Por meu amigo Danilo Faria e por meu avô José Torres. Seus nomes e legados serão para sempre carregados por mim.

RESUMO

Autor: Alexandre Torres Ferreira Brandão

Título: O comportamento psicopático no ambiente corporativo: Uma análise pela psicologia analítica

Orientador: Paulo Roberto Moreira

Palavras-chave: psicopatia, analítica, empresarial, corporativo, Eros, inválido.

Área de conhecimento: 7.07.00.00-1 - Psicologia

Resumo:

Este trabalho consiste em um levantamento bibliográfico acerca do transtorno de psicopatia e em posterior, análise de um caso fictício para visualização de seu funcionamento no ambiente empresarial. O levantamento inicia-se em manuais tipicamente utilizados por profissionais de saúde, além de definições por outro psicólogo, o qual é especialista no quadro (sendo, inclusive, responsável pela criação do teste mais amplamente usado pelo mundo para avaliar graus de psicopatia nos quadros possíveis) e um analista junguiano. Esse analista será fonte de revisão bibliográfica acerca do tema em sua leitura a partir da psicologia analítica, tendo escrito e dedicado um livro inteiro unicamente para a análise do quadro, vista em um segundo momento do presente trabalho. No terceiro momento será considerado um caso criado pelo mesmo psicólogo citado anteriormente para ilustrar um caso de psicopatia em empresa além de suas conceituações, presentes em um livro teórico dedicado à análise da psicopatia no ramo corporativo. Foi analisado a partir da leitura da psicologia analítica do transtorno. Com isso, pretendeu-se uma análise sobre o funcionamento do dinamismo psíquico dos psicopatas frente à situação de trabalho, de forma a uma melhor compreensão acerca de como atuam e o que está envolvido psicologicamente, pretendendo-se contribuir com o conhecimento na área, haja vista sua escassez.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	6
2. Método.....	9
3. Capítulo I: Considerações diagnósticas da psicopatia.....	10
4. Capítulo II: A psicopatia na psicologia analítica.....	18
5. Capítulo III: A psicopatia no ambiente corporativo.....	29
6. Considerações finais.....	38
7. Referências.....	39
8. Anexos.....	41

1. Introdução

Durante minha caminhada no curso de Psicologia, sempre fui intrigado pela dinâmica psíquica de atitudes aparentemente inumanas, alheias a qualquer princípio moral ou ético, resultando em dor e sofrimento aos alvos de tais atos. Colocando dessa maneira, pensa-se em crimes hediondos, como assassinatos e genocídios, com potencial de serem punidos perante as leis regidas por uma sociedade. Contudo, via esses costumes em outro foco: muito mais próximo de nós do que pode parecer, não nos damos conta do quanto podemos estar rodeados de pessoas que se afastam de qualquer empatia pelo outro para que consigam um objetivo. Tanto pior, quando podemos ser, na verdade, regidos por algumas dessas pessoas, ocupando cargos públicos ou empresariais de alta escala, a ponto de tornarem as leis coniventes a esses atos.

Foi em uma eletiva do terceiro do curso de psicologia da PUC-SP, chamada “concepções teóricas na interface psicologia/justiça”, que comecei a enxergar do que tudo isso se tratava: a psicopatia não está longe da gente, em casos escabrosos ou filmes feitos para impressionar. Ela, na verdade, caminha ao nosso lado e lidamos com ela, quem sabe, todos os dias. Ao ver um noticiário envolvendo escândalos de grandes nomes conhecidos, não nos damos conta do que aquilo realmente representa.

Dessa forma, pude ter uma concepção do que queria me aprofundar: a psicopatia na vida cotidiana. Por “vida cotidiana”, penso nesse aspecto de proximidade com nossa vivência. Há um senso comum de psicopatia ligando-a à criminalidade, como *serial killers*. Mas, como dito e como será discutido, podemos encontrá-la muito mais próxima de nós do que em um exemplo assim tão extremo. Atitudes como procurar um cargo profissional mais alto passando por cima de terceiros, desvio de dinheiro público ou mesmo o “jeitinho brasileiro” se tornam muito propícias a estudos a partir desse viés. Exatamente por estarem tão próximos de nós, penso que uma análise a respeito se justifique a partir do momento que, dessa forma, poderemos desenvolver uma maior compreensão acerca de tal comportamento, discutindo-o e pensando como evitar um modo tão, porque não dizer, egoísta, de se transformar o mundo e guiá-lo em direção a um lugar mais justo. Sua desconstrução se faz ainda mais necessária tendo em vista a influência desse tipo de comportamento de falta de consideração pelo outro em todos os tipos de mídia, criando sociedade na qual:

[...] a pobreza emocional, a impulsividade, a irresponsabilidade, a autoglorificação e autogratificação são a norma. [...], hoje nossas ruas, nossas escolas e até nossas casas podem estar encorajando sua atividade, oferecendo a ele [psicopata] a chance de passar despercebido e de não ser diagnosticado. (HARE, Sem Consciência, 2013, p.186)

A expressão “na vida cotidiana” faz referência à incidência desse transtorno que, segundo a Dra. Ana Beatriz Barbosa Silva, autora do livro *Mentes perigosas*, ao se referir a psicopatia observa que são transeuntes comuns, com raciocínio calculista e frio, e incapazes de verem os outros como seres passíveis de sofrimento. Sua maioria vive como pessoas comuns, sem cometer crimes.

A elaboração do conteúdo do trabalho, embora norteado pela psicopatia fora do senso comum de homicídios e crimes, passou por grandes mudanças durante seu processo de elaboração. Inicialmente pensando-se justamente em uma análise dentro da vida cotidiana, pensou-se ser necessário um afunilamento quanto à essa concepção, tendo em vista um ambiente em específico, tendo em mente os fins deste trabalho. Assim, o ambiente político foi tido como o ideal, justamente pelo sua influência no funcionamento da sociedade. Um psicopata tomando um cargo público poderia significar a desvalorização da moral como norte em um povo.

Porém, a impossibilidade de diagnóstico em figuras públicas, uma vez que não se poderia avaliar apenas por notícias e biografias, devido à parcialidade e falta de contato direto com essas pessoas, fez com que o ambiente de pesquisa fosse alterado. O ambiente empresarial se tornou o ideal, uma vez que condizia com a proposta inicial do trabalho e assemelha-se à sua maneira com o ramo político. Também contribuiu para essa escolha a pesquisa bibliográfica, durante a qual o livro “Snakes in Suits” (2006), do psicólogo canadense e especialista no diagnóstico Robert Hare, apresentou um caso fictício para ilustrar o funcionamento de um psicopata no trabalho, sendo assim um material passível para análise e contribuição para o trabalho. Trata-se de um ambiente que serve como refletor da sociedade em que vivemos, na qual o caráter hostil, agressivo, individualista e competitivo do convívio interpessoal acontece sem pudores.

Além disso, a falta de estudos nessa área, especialmente em psicologia analítica, também me é motivadora e serve como um problema à parte, uma vez que, parafraseando Byington em seu artigo “Psiquiatria e política: A psicopatia individual e

coletiva no nacional socialismo, Um estudo da psicologia simbólica”, “A falta desse estudo impede sobretudo a identificação da defesa projetiva do bode expiatório, presente nas disfunções mais banais dos relacionamentos humanos[...]” (Revista Junguiana, 2003). Motiva-me também meu interesse pelo tema, que vem crescendo desde o contato com a área da psicologia forense ao longo do curso e a curiosidade que tenho a respeito, justamente no que tange à manutenção de uma lógica justamente próxima à psicopatia. A vontade de burlar regras, sonegar impostos, desvios de dinheiro, formações de cartel, deixando o público ao qual deveria servir à própria sorte, colaborando com a desigualdade social e pior, nada fazendo para tentar amenizá-la.

Casos assim podem ser vistos e altamente discutidos como as convenientes mudanças partidárias de José Sarney para que se mantivesse no poder por décadas, o holocausto, o roubo de Paulo Maluf à própria mãe, ao sistema de saúde privado americano (no qual escolhe-se um paciente com maior poder aquisitivo que vá dar retorno financeiro e midiático, preterindo mesmo pacientes na frente da fila para atendimento, como bem mostrado no filme SICKO (2007), de Michael Moore), ou até estelionatários, como representado no filme VIPs (2010), os quais pretendem ser alguém de poder para conseguir o que querem, passando por cima de todos. A pretensão de entender esse funcionamento em direção a meios para ao menos minimizar suas consequências na sociedade motivaram essa pesquisa, bem como meu desejo de seguir na área.

2. Método

No presente trabalho procurou-se compreender o comportamento psicopático no cenário empresarial a partir de pesquisa bibliográfica. O objetivo central consistiu em observar esse transtorno a partir das contribuições da psicologia analítica, fundada por Carl Gustav Jung (1875-1961).

Jung foi um psiquiatra e psicoterapeuta suíço que realizou uma dissidência importante para com a psicanálise de Sigmund Freud no início do século XX. A arquitetura teórica da psicologia analítica se distancia da psicanálise, tendo como conceito central da sua teoria o processo de individuação, entre outros desdobramentos significativos.

A partir desse horizonte, na presente pesquisa procurou-se discutir o dinamismo da psicopatia, acreditando ser esse um desafio importante face às poucas contribuições oferecidas para essa compreensão. Trata-se de um trabalho reflexivo, reportando-se a uma revisão bibliográfica de publicações sobre o tema.

Partindo de livros como “Eros on Crutches”, de Adolf Craig, psicoterapeuta pós-junguiano suíço, e “Snakes in Suits” e “Sem Consciência”, de Robert Hare (psicólogo americano especialista em psicologia forense), realizando uma interlocução entre ambos os autores e suas obras, o presente trabalho está dividido em três capítulos:

No primeiro capítulo, buscou-se uma aproximação do entendimento da psicopatia a partir do horizonte de literatura dedicada ao uso diagnóstico, como manuais especializados e dedicados à área da saúde e a concepção de Robert Hare, psiquiatra especialista no quadro. No segundo capítulo, voltou-se à leitura da psicopatia tendo por norte a abordagem analítica, tendo como base o livro de Adolf Craig, dedicado à reflexão acerca do tema. Em um terceiro momento, então, esse material foi discutido a partir de um caso em específico, escrito para a visualização da psicopatia em uma situação de trabalho organizacional. Nesse capítulo, a análise do caso se apoiou na leitura do quadro a partir da psicologia analítica feita durante o trabalho, tendo em vista uma compreensão e do funcionamento dessas pessoas em ambiente profissional e evidenciar sua dinâmica.

3. Capítulo I: Considerações diagnósticas da psicopatia

Tendo em vista que o termo “psicopatia”, ou *psyche* como “alma” e *pathos* como “sofrimento”, assim desmembrada por Adolf Craig (1923 – 2008) em seu livro “Eros on Crutches” (1980), ou “Eros de Muletas” em tradução livre, advém da psiquiatria, sendo pouco recorrente na literatura de psicologia em geral, pensa-se ser necessário recorrer a fontes também ligadas à psiquiatria para discorrer sobre o tema, inicialmente. Com isso, pretende-se primeiro construir uma definição mais precisa desse transtorno, para então analisa-lo de acordo com o pensamento da psicologia analítica.

Para essa construção, pesquisou-se pelos manuais mais usuais em saúde geral e mental, o CID-10 e DSM-IV¹.

Em ambos viu-se a ausência de uma definição a um transtorno específico de psicopatia, contudo podemos fazer paralelos com outros transtornos de descrição semelhante.

No CID-10, a descrição dos transtornos de personalidade e do comportamento (separados pelos códigos F60-F69 no manual, para facilitar a localização e padronizar a nomenclatura mundialmente, em diagnósticos), inicia ao caracterizá-los como uma expressão característica da maneira de viver do indivíduo, sob influência de fatores sociais e constitucionais. Essa expressão manifesta-se a situações pessoais e sociais com reações inflexíveis. Segundo o manual, “Eles representam desvios extremos ou significativos das percepções, dos pensamentos, das sensações e particularmente das relações com os outros [...]” (CID-10, 2003, p.351). Há o levantamento de um possível sofrimento individual e um comprometimento no contato social.

¹O CID-10, sigla para “Classificação Internacional de Doenças”, é a décima revisão do manual elaborado pela OMS (Organização Mundial da Saúde) com o intuito de padronizar e catalogar doenças e problemas relacionados na saúde, baseando-se em um sistema de nomenclatura internacional padrão. Pretende-se que seja uma forma de guia para propósitos diagnósticos e clínicos, usado pelos mais diversos tipos de profissionais em uma gama de áreas. A décima revisão começou a ser utilizada em 1994 pelos países membros do órgão internacional. O DSM-IV, ou “Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais” (tradução oficial da versão extensa da sigla, “Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders”), por sua vez, é a quarta revisão (lançada em 1994) da classificação de distúrbios mentais e suas classificações e diagnósticos usada por profissionais da saúde, com propósitos clínicos. Elaborado pela “American Psychiatric Association”, ou “Associação Americana de Psiquiatria”, em tradução livre, tida como a principal organização americana de psiquiatras.

Assim, atendo-se em F60, ou transtornos específicos da personalidade, pode-se direcionar a conceituação àquela mais apropriada para um quadro de psicopatia. Na descrição de F60, lê-se tais transtornos são distúrbios graves no comportamento do sujeito, “não diretamente imputáveis a uma doença” (CID-10, 2003, p.351). O quadro caracteriza-se por uma desorganização social.

Para então finalmente chegar a um diagnóstico mais preciso dentro do CID-10, características próximas às esperadas em um caso de psicopatia foram encontradas nos diagnósticos F60.2 e F60.4. O primeiro, a personalidade dissocial é descrita como um caso de desprezo das obrigações sociais e falta de empatia, demonstrando inclusive desvio quanto às normas sociais vigentes, sendo um comportamento dificilmente alterado, mesmo com coerção. Inclusive, “existe uma baixa tolerância à frustração e um baixo limiar de descarga da agressividade, inclusive violência.” (CID-10, 2003, p.352). Existe também a atribuição de culpa aos outros e excesso de explicações para situações as quais levam o indivíduo a entrar em colisão com a população. Um dos sinônimos do F60.2, inclusive, chega a ser “personalidade psicopática”.

Já o F60.4, ou personalidade histriônica, assemelha-se ao quadro por sua descrita afetividade superficial e lábil, sua teatralidade, egocentrismo, sugestibilidade, falta de consideração e desejo de ser apreciado. Embora não faça ligações diretas ao quadro de psicopatia, como faz o F60.2, porém é possível identificar sintomas semelhantes ao narcisismo exacerbado e a falta de empatia, tão comuns em quadros de psicopatia.

O segundo manual utilizado para pesquisa, o DSM-IV, caracteriza os transtornos de personalidade como:

[...] um padrão persistente de vivência íntima ou comportamento que se desvia acentuadamente das expectativas da cultura, do indivíduo, é invasivo e inflexível, [...], é estável ao longo do tempo e provoca sofrimento ou prejuízo. (DSM-IV, 1995, p.593).

Dentre os transtornos caracterizados nessa sessão do manual, procurou-se aqueles com pudessem ser ligados com o transtorno da psicopatia, em especial o Agrupamento B da sessão, que contempla os Transtorno da Personalidade Anti-Social, Histriônica e Narcisista.

Primeiro, para caracterizar um transtorno como um de personalidade, o manual cita que deve-se atentar para padrões no modo de perceber, relacionar-se e pensar do sujeito acerca do ambiente e de si e que causem certo prejuízo, como inflexão e mal adaptação. Outros critérios envolvem a persistência de um comportamento desviante da cultura do sujeito que cause prejuízo social e ocupacional, que não seja melhor explicado como consequência de outro transtorno mental e que não seja decorrência do efeito de alguma substância ou condição médica.

Talvez o transtorno desse grupo que mais se enquadre em um caso de psicopatia seja o Transtorno de Personalidade Anti-Social (uma nomeação semelhante à de personalidade dissociada, do CID-10). Citado no DSM-IV como sendo também conhecido por psicopatia e sociopatia, sua característica essencial é o desrespeito, invasão e violação dos direitos alheios e das normas e regras sociais, podendo envolver engodo e manipulação. Há o desrespeito dos sentimentos e direitos, “frequentemente enganam e manipulam os outros, a fim de obter vantagens pessoais ou prazer” (DSM-IV, 1995, p.609). Esses indivíduos podem mentir repetidamente, fingir e enganar. Apresentam impulsividade, com decisões impensadas e sem pensar nas consequências para si e para os outros. Tendem a ser irritáveis ou agressivos, desrespeitosos pela segurança alheia, irresponsáveis e com pouco remorso pelas consequências do que fazem.

Indivíduos diagnosticados com o Transtorno da Personalidade Anti-Social “não possuem empatia e tendem a ser insensíveis e cínicos e a desprezar os sentimentos, direitos e sofrimentos alheios.” (DSM-IV, 1995, p.609). Podem ser arrogante, ter uma auto-estima exagerada e exibir um encanto superficial e ter facilidade com as palavras, sendo estas últimas inclusive citadas como partes do conceito tradicional de psicopatia. Em amostras comunitárias, estima-se que cerca de 3% dos homens e 1% das mulheres apresentem esse diagnóstico, de acordo com o manual.

O manual informa que o diagnóstico por vezes envolve características dos Transtornos de Personalidade Histriônica e Narcisista: o primeiro apresenta excessividade emocional e busca de atenção, interação interpessoal inadequada por um viés sedutor e provocante sexualmente, mudança e superficialidade de emoções, discurso impressionista e pouco detalhado, teatralidade e dramatização exacerbada, dificuldade

em adquirir intimidade e relacionamentos, tentativa de manipulação emocional de parceiros e ávidos por estimulação e emoção. O segundo, por sua vez, também tem sua série de critérios próprios, como a necessidade de admiração e falta de empatia, sentimento de grandiosidade, fantasias e ideais de sucesso e outros aspectos, crença em ser especial, admiração excessiva, crença em um merecimento de uma atenção diferenciada, explorador e abusivo em relações interpessoais, arrogância e insolência.

No que tange a relação entre o Transtorno da Personalidade Anti-Social e o da Personalidade Histriônica, estes compartilham a tendência para a impulsividade e superficialidade, bem como a busca pela excitação. Ambos apresentam as peculiaridades da sedução e manipulação e irresponsabilidade. Contudo, divergem na exagerada dramatização típica da Personalidade Histriônica e no comportamento anti-social específico à Personalidade Anti-Social. Já em comparação à Personalidade Narcisista, ambas são insensíveis, superficiais e exploradoras alheias a uma empatia pelo outro, diferenciando-se entre elas no que quis respeito à impulsividade, agressividade e engodo (presentes unicamente na Personalidade Anti-Social) e na necessidade por atenção e admiração dos outros (exclusividade da Personalidade Narcisista).

As definições e caracterizações de psicopatia pelos principais autores usados neste trabalho, Adolf Craig e Robert Hare, também devem ser esclarecidas. Em seus livros, cada um discorre acerca do termo psicopatia e as peculiaridades de um sujeito com esse transtorno.

Em seu livro, Adolf Craig faz um percurso histórico pela psicopatia. Craig cita Philippe Pinel (1745 – 1826), médico considerado por muitos o pai da psiquiatria, como o primeiro a descrever o fenômeno: seriam indivíduos marcados por crueldade, criminalidade, perversão sexual, alcoolismo, vício, irresponsabilidade e imoralidade. Não apresentariam sintomas clássicos de doenças mentais e demonstram alta inteligência, com sentimentos e moralidade perturbados.

Em 1835, o psiquiatra inglês James Richard (1786 – 1848) usa o termo “insanidade moral” (uma terminologia precursora para “psicopatia”) para descrever a psicopatia, caracterizada pela falta de senso moral sem afetar a inteligência, e sentimentos, afeições e humor perversos. Tanto Richard quanto Pinel e outros psiquiatras à época que discorreram a respeito pensavam, influenciados pelos ideais iluministas, ser impossível

pensar apropriadamente perante as leis sociais e contudo agir imoralmente. Craig, inclusive, levanta um paradoxo com a lei à medida que, se alguém “mentalmente doente” ou com discernimento moral falho (a dita “insanidade moral”) não responde por seus atos, e portanto não pode ser punido, o que se deve fazer com essas pessoas?

No século XX (no começo do qual a “insanidade moral” foi renomada para psicopatia), após ganhar peso e abrangência no século anterior, o tema é discutido por Manfred Bleuler (1903 – 1994), psiquiatra suíço que teve grande contribuição no estudo da esquizofrenia, em 1955. Este define psicopatia como um caráter congênito variante, que leva a dificuldades sociais e sofrimento pessoal (Há algo em seu caráter que repele seu ambiente de si). Bleuler, inclusive, apresenta alguns tipos de psicopatas: instáveis (facilmente influenciáveis), carentes de atenção (procuram parecer melhor do que são), sensíveis (facilmente tocáveis ou ofendidos), sem emoção (não demonstram sentimentos), excêntricos (estranho processo de raciocínio), e pseudologia fantástica (mentem sem motivo), entre outros. O médico também cita um desvio ético crônico entre as variantes no diagnóstico de um psicopata, que seriam personalidades antissociais e fraca mentalidade moral.

As características descritas por Craig propriamente, em seu livro, serão discutidas no capítulo seguinte, quando se falará do transtorno na psicologia analítica.

Robert Hare, renomado psicólogo canadense e especialista em psicopatia, dedica todo um livro especialmente à psicopatia e suas características e ao seu método de avaliação próprio criado para determinar psicopatas na população, batizado de “psychopathy checklist”, justificando sua criação na possibilidade de manipulação de resultados por parte dos sujeitos. Em seu livro “Sem Consciência” (1993), Hare diferencia um transtorno de personalidade antissocial da psicopatia: o primeiro seria um conjunto de comportamentos criminosos e sociais; o segundo, um conjunto de traços de personalidade e comportamentos sociais desviantes. Assim sendo, portanto, Hare acredita que a nomenclatura correta para acompanhar o termo “psicopatia” seja “síndrome”, uma vez que são, na verdade, um conjunto de sintomas relacionados entre si.

Antes de sua própria caracterização, Hare também cita Pinel, dito como um dos primeiros a escrever sobre a psicopatia, usando o termo “mania sem delírio”, um comportamento com absoluta falta de remorso e ausência de contenção. Para Pinel,

moralmente neutra. Outro autor muito citado durante seu livro, e tido como base para os estudos de Hare, Hervey Cleckley (1903 – 1984), autor de “The Mask of Sanity” (1941), relata em seu livro casos clínicos e reflexões acerca do tema:

Ele [o psicopata] não se familiariza com os fatos ou dados primários do que chama de valores pessoais e é completamente incapaz de compreender essas questões. É impossível para ele desenvolver um mínimo interesse que seja por uma tragédia ou diversão ou o anseio pela humanidade como apresentado na literatura ou arte sérias. Ele também é indiferente a todas as matérias da vida em si. Beleza e feiura, exceto em um sentido superficial, bondade, maldade, amor, horror e humor não têm nenhum significado real, nenhuma força que o mova. Além disso, não tem capacidade de entender como os outros são tocados por essas coisas. É como se fosse cego a cores, a esse aspecto da existência humana, embora tenha uma inteligência aguçada. Ele não pode entender nada disso porque não há nada, em nenhum ponto de sua consciência, que possa preencher a lacuna necessária a uma comparação. Ele pode repetir as palavras e dizer com loquacidade que está compreendendo, mas não tem como saber que não compreende. (Cleckley apud Hare, Sem Consciência, 2013, p.43).

Entender o método de avaliação de Hare colabora para apropriar-se de sua caracterização de um psicopata: Hare criou um teste próprio que fugisse de auto relatos, pela facilidade em forjar resultados nesse tipo de aplicação. O psiquiatra, junto à sua equipe, passou cerca de 10 anos para elaborar o “psychopathy checklist” (ou “avaliação de psicopatia”, como traduzido oficialmente pela publicação de seu livro), baseado em longas e detalhadas entrevistas, histórico de caso e dados de arquivo. O método, porém, é restrito a profissionais qualificados apenas, e portanto não é aberta ao público. O teste é publicado pela Multi-Health Systems, uma companhia que o faz com diversos manuais de avaliação cientificamente validados, em diversas áreas.

Em seu livro, Hare, embora não entre em detalhes a respeito do teste em si, conta quais sintomas são avaliados e seu grau, ou seja, aqueles que foram julgados como os aspectos básicos em um quadro de psicopatia. Ele ressalta que não se deve fazer uma avaliação pessoal nem de outras pessoas apenas baseado na descrição desses sintomas, uma vez que, inclusive, todos nós podemos apresentar alguns desses aspectos. Os ditos sintomas-chave de psicopatia, para Hare, se dividem em dois grupos:

emocional/interpessoal (como pensam a respeito de si mesmos e dos outros) e desvio social (ou um estilo de vida instável).

Uma gama de sintomas é avaliada dentro desses dois grupos. No primeiro, julga-se o grau de eloquência e superficialidade (articulação e como são envolventes, por vezes divertidos, com respostas inteligentes e histórias improváveis, porém convincentes); egocentrismo e grandiosidade (visão narcisista e vaidosa, como se se sentissem o centro do universo); ausência de remorso e culpa (falta de preocupação com o que podem causar aos outros); falta de empatia (incapacidade de se colocar no lugar do outro, despreocupados com o sentimento alheio, sem entender o que os outros sentem); enganação e manipulação (chegando a um nível de quase prazer em enganar, sem medo e preocupação de suas mentiras serem descobertas e, quando são, reelaborá-las de tal forma até um ponto de consistência, por mais que o ouvinte sinta-se confuso); emoções rasas (pobreza emocional e sem profundidade, chegando dramatizações que não vai além puramente da aparência e representação e, por mais que tentem descrever um sentimento, pouco o conseguem, frente à sua sutileza).

O segundo grupo, intitulado de “desvio social”, separa os sintomas em impulsividade (não avaliam prós e contras de uma atitude ou consequências, mas fazem algo porque tem vontade, simples e puramente); pobreza no controle comportamental (são reativos ao que percebem como insulto, com fraca inibição, chegando a responder de forma violenta); necessidade de excitação (viver no limite, ativos e, por vezes, quebrando regras); falta de responsabilidade (promessas não cumpridas e não dar importância a compromissos e obrigações); problemas precoces de comportamento (problemas de comportamento, como mentiras persistentes, *bullying* e vandalismo, bem cedo no desenvolvimento, de forma extensiva e grave); comportamento adulto antissocial (têm as regras e expectativas sociais como inconvenientes e insensatas, estabelecendo leis próprias por si para si).

Em “Snakes in Suits” (2006), ou “Serpentes de Ternos”, em tradução livre, Hare também diferencia a psicopatia de sociopatia. A psicopatia, grosso modo, diz respeito à incapacidade de empatia, culpa ou fidelidade a outra pessoa. A sociopatia não é uma condição psiquiátrica formal: refere-se a padrões de atitude e comportamentos que são considerados antissociais e criminais pela sociedade, mas vistos como normais ou

necessárias por uma subcultura ou ambiente social no qual se desenvolvem. Há a consciência de empatia, culpa e fidelidade, mas seus conceitos de certo e errado e baseiam nas normas e expectativas da sua subcultura ou grupo.

Nesse mesmo livro, Hare traz a mesma comparação entre psicopatia e personalidades histriônica e narcísica. Narcisistas têm dificuldades em aprender novos comportamentos, embora seja possível com certa ajuda que aprendam a controlar seu comportamento e seus efeitos negativos nas pessoas. A dificuldade em diferenciar da psicopatia surge quando os aspectos narcisistas de senso de grandiosidade e falta de empatia se atenuam comportamentos destrutivos e antissociais, fazendo que sejam descritos como agressivos ou malignos. Quanto à personalidade histriônica, a dificuldade vem em sua característica de busca pela atenção, confundido com o charme dos psicopatas. Ambas podem ser confundidas, também, devido aos aspectos egocêntricos ou características emocionais que demonstram em público.

Como se pode observar, há diversas semelhanças entre as caracterizações de diversas fontes, seja ele um psiquiatra renomado especialista no quadro, um pós-junguiano, e descrições objetivas destinadas puramente à classificação por manuais de saúde, justificando seus levantamentos em prol de uma delimitação cada vez mais precisa e detalhada do quadro.

4. Capítulo II: A psicopatia na psicologia analítica

Após discutir e esclarecer os principais aspectos da psicopatia vale o entendimento acerca de seu funcionamento e dinamismo psíquico. Para tanto, em meio a tantas diversas linhas teóricas possíveis para se discutir o tópico, escolheu-se a psicologia analítica, fundada por Carl G. Jung (1875 – 1961), psiquiatra e psicoterapeuta suíço, durante seus estudos acerca da psique humana. Adolf Craig (1923 – 2008) é um dos poucos autores junguianos a falar sobre a psicopatia, dedicando um livro unicamente a isso, intitulado “Eros on Crutches” (1980), ou “Eros de Muletas”, em tradução livre.

A hipótese de Craig sobre o funcionamento da psicopatia baseia-se essencialmente na relação entre arquétipos em um sujeito com o transtorno. Os arquétipos, na teoria junguiana, estão presentes no inconsciente coletivo, aquele dividido em comum por todos os indivíduos em uma camada ainda mais funda que a consciência ou o inconsciente pessoal (aquele de caráter individual a cada um, cada qual com seus conteúdos individuais). Tratam-se de potenciais traços de comportamento comum a todos, justificando sua localização no inconsciente coletivo. Esses traços podem ser caracterizados a partir das repetições de comportamentos que se foi percebendo ao longo dos anos pelo ser humano, aspectos gerais que se destacam num conjunto de experiências frequentemente revividas por toda a história do ser humano, desde seus primórdios.

Não se sabe como os arquétipos tomaram existência. Jung crê que tenha sido uma reação a situações corriqueiras. Conforme o passar dos anos, os arquétipos se separaram da experiência em si, ao ponto de se manifestarem sem que a experiência que o originou anteriormente não esteja necessariamente presente, de forma concreta. Sobre uma tentativa humana de persistente busca pela cura total, especificamente em seu livro com relação à psicopatia, Adolf Craig discorre:

Permitamos voltarmos à pergunta quanto à natureza dessas forças, que desafiam nossas tentativas bem-intencionadas à cura total. Não estaríamos lidando com um arquétipo? A pergunta não é tão artificial. É uma com a qual nos colocamos sempre quando somos confrontados com um fenômeno psicológico que não pode ser racional ou logicamente explicado ou compreendido. Aqui eu entendo ‘arquétipo’ não tanto quanto uma imagem, mas preferivelmente como ‘padrão ou comportamento inato

em uma situação clássica, tipicamente humana'. Isso, de acordo com os últimos trabalhos de Jung² (Eros on Crutches, 1980, p.12, tradução nossa)

O ego, outro conceito fundamental nos termos de Jung, diz respeito ao próprio campo da consciência do indivíduo, atribuído com valores sociais. É nele que todos os conteúdos conscientes se relacionam, o campo central entre eles, o sujeito dos atos conscientes.

A psicopatia funcionaria a partir de uma posição central na vida de invalidez: essa posição, tipicamente humana (portanto, arquetípica), pode ser exemplificada em situações cotidianas como fraturas, envelhecimento, doenças.

Em teoria, todos nós viemos ao mundo inválidos de certa forma, com a falta de alguma coisa. Assim sendo, constrói-se o conceito de um arquétipo do inválido, já que se trata de uma vivência que todos temos ou passamos, em diferentes graus. Ninguém é perfeito, por assim dizer. Porém, a vivência no arquétipo do inválido implica à falta de desenvolvimento e ao estaticismo, diferente por exemplo dos arquétipos da criança ou do doente, nos quais há um futuro e uma possibilidade de crescimento. Craig acredita que essa condição não tem cura nem completude, restando aprender a viver com essa "deficiência".

Inserido em um contexto, esse arquétipo pode ser tão insuportável quanto agradável, para outras pessoas. Características do arquétipo do inválido são a modéstia e capacidade de reflexão e aceitação de uma dependência pessoal, por um lado, e a tirania, egoísmo, egocentrismo, escapismo, exploração da culpa alheia, por outro. Para um inválido, essa invalidez faz parte do processo de individuação. Trata-se de um movimento psicológico que diz respeito ao constante desenvolvimento psicológico e individual em direção à integração e unificação dos conteúdos inconscientes pelo ego, até que o sujeito atinja seu potencial único de ser. É um desenvolvimento contínuo e sem fim na vida do ser humano, acontecendo desde os primeiros momentos da infância até a velhice. A

²Let us come back to the question of the nature of this force or forces, which defies our well-intentioned attempts at total health. Might we not be dealing with an archetype? The question is not so far-fetched. It is one which we must pose whenever we are confronted with a psychological phenomenon which cannot be rationally or logically explained or understood. Here I understand 'archetype' not so much as an image, but rather as 'an inborn pattern or behavior in a classical, typically human situation.' This is in accordance with Jung's later works. (Eros on Crutches, 1980, p.12)

individuação é um fenômeno universal, ou seja, arquetípico. Os aspectos externos também definirão como se dará esse movimento, além do próprio sujeito, como aspectos sociais, culturais e histórico. Enquanto que o desenvolvimento do ego ocorre na primeira metade do processo de individuação, segundo Jung, a integração de conteúdos inconscientes ocorre na segunda metade. Por mais que o indivíduo se mova em direção a se tornar completo, aquilo que ele realmente é, ainda assim está submetido a fatores coletivos. Assim sendo, permanece se individuando tendo em mente uma contribuição à sociedade dentro do que lhe é possível, caso contrário, seria um processo egoísta.

Como visto, o arquétipo do inválido apresenta características boas e ruins. Dependerá de como se dará a relação com o arquétipo de Eros para que uma ou outra seja predominante. Na mitologia grega, Eros é o deus do amor, cujo qual sem ele, não poderiam existir outros deuses (arquétipos). Quando combinados com Eros, outros arquétipos são estimulantes e criativos. A experiência e vivência de um arquétipo dependem da presença ou ausência de Eros. Com ele, uma invalidez apresentará seus aspectos positivos citados acima. Sem ele, entretanto, os aspectos negativos serão mandatórios. Não deve-se entender Eros como a salvação para as relações humanas, porém como um grande determinante.

O arquétipo do inválido nem sempre se manifesta em situações de invalidez, como as exemplificadas anteriormente. A invalidez em Eros, inclusive, é uma das formas básicas de invalidez, sendo a condição central na psicopatia. A partir disso, é errôneo crer que a psicopatia caracteriza-se pela criminalidade ou pela falha em adaptação social: são charmosos e inteligentes, atuam como se tivessem sentimentos e compaixão, sabem o que fazem, vivem uma vida sexual normal (embora unicamente pela satisfação corporal como um ato impessoal pontual e sem amor, banal como respirar). São também incapazes de relações duradouras, não há uma noção de moral, são mentirosos, egoístas. O medo e a tristeza são alheios aos psicopatas. Tendo em vista que a invalidez é uma vivência arquetípica, ou seja, comum ao ser humano, e que a psicopatia é uma forma de invalidez, podemos concluir que todos nós sofremos dessa invalidez chamada psicopatia, em certo grau.

Junto aos conceitos dos arquétipos do inválido e de Eros para entender a psicopatia, Craig apresenta o que chama de “lacunae”: imagine um continente cheio de

tribos de pessoas diferentes, que vivem e se desenvolvem. Imagine agora que nesse continente existem pedaços de terras inabitadas e inabitáveis. Analogamente, as tribos e pessoas representam as habilidades e capacidades sociais, em meio a um sujeito, o continente. As terras inabitáveis são as lacunas deixadas por habilidades e capacidades inexistentes ou subdesenvolvidas no indivíduo, áreas desertas que não podem ser desenvolvidas. As “lacunae”, esses desertos da alma, são as psicopatologias. Novamente, todos nós apresentamos psicopatia em certo nível, em cada um de nós há algo perdido ou faltante em algum aspecto. A psicopatia, portanto, além de se tratar da relação entre inválido e Eros, também diz respeito a uma característica marcadamente não desenvolvida, a uma lacuna impossível de ser preenchida no sujeito.

Acerca de um entendimento sobre as características em si, Craig escreve que há, na verdade, tipos de psicopatia, que se manifestam com certo grau de uniformidade. Alguns sintomas ocorrem em todos os casos, sendo estes sintomas chamados de primários, Os secundários, por sua vez, caracterizam à parte os vários tipos de psicopatia. São cinco os sintomas primários apresentados pelo autor.

O primeiro é a incapacidade de amar. Claramente a ausência de Eros manifestada na inter-relação com as pessoas. Ele, o deus do amor, conecta-nos ao nosso ambiente, amigos e família, fazendo com que tenhamos a vivência humana da empatia e compaixão. Na psicopatia, a falta desse arquétipo leva a uma relação pobre com o próximo, culminando em manipulação, controle, dominação. Trata-se de uma relação baseada no poder, em detrimento do amor.

Outro sintoma primário, tido como a falta de ou senso deficiente de moralidade. Podem demonstrar moral, mas nunca serão apegados a ela. Moral diz respeito, novamente, a Eros: o ego tenta sistematizar Eros para que caiba em todas as situações, e moralidade seria a tentativa em achar regras e padrões no inter-relacionamento dos arquétipos, nosso ambiente e círculo social a fim de garantir harmonia. Como uma busca solitária pela moralidade há de cair em frustração, já que esta vive em meio a contradições no mundo atual, Eros garantirá naturalidade e utilidade nessa busca, tendo em seu horizonte um funcionamento de valores e regras baseadas no amor e na justiça. Além dessa busca externa. A relação de Eros com moral não para apenas no estabelecimento desta última: esse arquétipo também se mostrará a partir de valores

morais da sociedade, expressando-se na persona. As personas, segundo Jung, são as formas escolhidas para lidar com o mundo exterior, como se fossem de fato as máscaras dos atores gregos, as quais o nome remete. Trata-se de um recorte arbitrário de jeitos mais apropriados para se portar perante cada situação do cotidiano que é vivido, tendo em vista um compromisso perante a coletividade, às normas e leis sociais. Por mais que uma persona possa ir contra como um indivíduo agiria em dadas circunstâncias, ele, em prol dos valores e regras morais, toma para si uma persona ideal, um *modus operandi* para essa vivência, tendo em vista seu papel a desempenhar.

Assim, as personas têm seu sentido de serem em uma situação, seus motivos. Além de servirem como forma de se adaptar às normas sociais, também são necessárias para conseguir lidar, por vezes, com situações tocantes à individualidade do sujeito, de forma a não se desestruturar e conseguir lidar melhor com a situação. Dessa forma, também ajudam no processo de individuação, já que colaborarão para a vivência das mais diversas situações humanas, apresentando um potencial de desenvolvimento ao indivíduo. Contudo, vale ressaltar que a persona, por mais que represente um papel individual a ser feito pelo sujeito, ainda sim tem também base no inconsciente coletivo, além de ter conteúdos pessoais. Nas palavras de Jung:

Como seu nome revela, ela é uma simples máscara da psique coletiva, máscara que aparenta uma individualidade, procurando convencer aos outros e a si mesma que é uma individualidade, quando, na realidade, não passa de um papel, no que fala a psique coletiva. (O eu e o inconsciente, p.46, 47, 2011).

A questão é que, para os psicopatas, essas máscaras são de fato apenas máscaras, apenas papéis a serem desempenhados. Sem Eros, sem moral, sem potencial de desenvolvimento. Vazias. Em contraposição ao funcionamento de outras pessoas com suas personas que, por mais que sejam máscaras, ainda há algo por trás, que tem significado no processo de individuação, um movimento para um crescimento e desenvolvimento. A falta de Eros leva também à falta de moral nos psicopatas.

O terceiro sintoma trata-se da falta de desenvolvimento psíquico, a inexistência de mudança ao longo dos anos. A psique permanece estática, e suas relações e inter-relações apresentam-se sempre da mesma forma. Essa condição também é culpa de um Eros deficiente: sem ele, não há desenvolvimento, uma vez que não se sentir atraído por

algo tendo Eros como base (“eroticamente” atraído, por assim dizer) leva à estagnação psíquica. O movimento em direção a um ideal (que tem seu poder atraente e convoca um indivíduo em direção a ele) cessa, impossibilitando que um psicopata se desenvolva psiquicamente como ocorreria costumeiramente, ao longo do caminho em direção a esse ideal. Rituais de passagem, por exemplo, que marcam um processo de transição entre uma fase da vida e outra, são rejeitados por psicopatas.

O plano de fundo depressivo também se enquadra como um sintoma primário. Craig crê que exista realmente uma mágoa por parte de um psicopata, a mágoa de um inválido. Sentem-se isolados, como se estivessem em mundo repleto de estranhos que não os compreendem, como se fossem extraterrestres às pessoas à sua volta; creem que todos estão contra eles. Novamente há um senso de Eros prejudicado, uma vez que sentem que não tem uma qualidade que move e guia as outras pessoas, e essa percepção acaba por colaborar com uma tristeza e desconfiança crônicas. Assim, movidos em parte por essa desconfiança, efetuam o chamado “suicídio social”: adaptam-se bem à sociedade de tal forma até chegar a cargos profissionais altos, admiráveis e difíceis de serem alcançados, apenas para então por tudo a perder e destruir tudo, movidos pelo impulso e desdém com relação aos outros.

O quinto sintoma acompanha o último citado anteriormente. É chamado de plano de fundo crônico do medo. Sem conhecer Eros e sua empatia nas relações, não se enxergam nos outros, perguntam-se o que pode estar por trás das ações de alguém, não confiam no mundo. Estão sempre com medo de tudo e todos, podendo inclusive levar a inesperados ataques de raiva e ódio (visto, por exemplo, no final do dito suicídio social).

Como se pode perceber, a falta ou deficiência em Eros é o cerne da condição psicopática na leitura de Craig. Em sua concepção,

Experienciar Eros é estar enraizado. Eros se liga ao específico e particular, à família, à classe social, cultura, pessoa, língua, nação. Faltando Eros, não haverá conexão para esse alguém, alguém que levita sobre o mundo, alguém sem raízes. Nós somos todos, e assim repetirei insistentemente, parcialmente psicopatas. Talvez esta

seja a razão pela qual nós sejamos todos tão facilmente ligados a fantasias e ilusões fora da realidade.³ (Eros on Crutches, 1980, p.105, tradução nossa)

Há ainda os sintomas secundários, que não estão em todos os psicopatas, mas caracterizam os vários tipos de desordem. A falta de sentimento de culpa, um desses sintomas, diz respeito a uma forma peculiar de vivência de culpa por parte de alguns psicopatas: como vivem em um mundo estruturado em princípios morais junto a Eros, alguns dos psicopatas sentem que algo está fora de lugar, que sua motivação é diferente da dos outros. Sente-se rejeitado, sozinho e incompreendido. Cria uma consciência de que está agindo indevidamente, mas não sabe o motivo. Vale ressaltar que essa reflexão não significa o desenvolvimento de um código moral. O contrário também acontece: culpam tudo o que os outros fazem. Um depoimento de uma psicopata transcrito por Craig colabora para visualizar esse sentimento de estranheza com relação ao mundo e sensação de constante ameaça e deslocamento:

Sou de alguma forma diferente das outras pessoas. Ninguém gosta de mim, e todos parecem viver por diferentes princípios que eu. Eu me sinto melhor quando a situação está clara, em outras palavras, quando estou presa e sei que estou sendo mantida como minha vontade. Então as pessoas estão realmente contra mim, e eu posso estar contra elas. Estar em uma situação na qual as pessoas se importam comigo e no que eu penso é estranho. Eu realmente não entendo por que essas pessoas se metem em tantos problemas por mim. Eu preferiria brigar do que esse tipo de sentimento de aceitação'.⁴ (CRAIG, Eros on Crutches, 1980, p.99, tradução nossa)

Um outro sintoma secundário trata-se de uma falta de insights ou entendimento. Não que isso signifique uma incapacidade intelectual, mas sim que não aprendem com

³To experience Eros is to be rooted. Eros binds to the specific and the particular, to family, to social class, culture, people, language, nation. Lacking Eros, one has no connection, one levitates above the world, one has no roots. We are all, as I will repeatedly insist, partially psychopaths. Perhaps this is the reason we are so easily hooked by jet-set fantasies and illusions. (Eros on Crutches, 1980, p.105)

⁴I am somehow different from other people. No one likes me, and everyone seems to live by different principles than I do. I feel better when the situation is clear-out, in other words, when I am locked up and know that I am being held against my will. Then people are actually against me, and I can be against them. Being in a situation where people care about me and what I think is uncanny. I really don't understand why these people go to so much trouble for me. I would rather go on fighting than have this kind of sentimental acceptance. (CRAIG, Eros on Crutches, 1980, p. 99)

suas experiências. São insights infrutíferos, que levam os psicopatas a apenas dizer o que os outros querem ouvir pura e simplesmente, sem reflexão a respeito. Não fazem muito sentido, pois experienciam as coisas completamente diferentes da maneira que esperamos. Alguns demonstram também a habilidade em provocar pena nos outros, aquela que sentimos por inválidos ou por crianças doentes e indefesas. Essa pena leva a dificuldades e carinho por parte dos outros, a partir do qual serão manipuladas pelo psicopata.

O charme é mais um dos sintomas, caracterizado pela facilidade em flertar, agradar com elegância. Uma vez que não são movidos por Eros em suas relações, podem muito bem usar truques em prol de si mesmo contra os outros sem escrúpulo ou inibição. Curiosamente, mesmo que não sejam envolvidos pelo amor de Eros ou pela moralidade, conseguem ter sucesso em seduzir as pessoas à sua volta, uma vez que não cobrarão valores morais ou qualquer outra coisa, tornando uma pessoa relaxante (embora não prazerosa) de se estar próximo.

O comportamento anti-social ou criminoso (este último, mais raro) também são sintomas secundários. Uma vez que se sentem num mundo não familiar, acabam achando as regras sociais hilariantes, alheias a eles, e não encontram motivos nas existências delas, quebrando-as sem qualquer culpa. Vale ressaltar como muitos criminosos são diagnosticados, erroneamente, como psicopatas. Embora dadas certas condições ambientais e circunstâncias socioeconômicas a maioria dos psicopatas possam se tornar criminosos, essa maioria escolhe uma vida socialmente adaptada, evitando atos criminais (apenas porque querem se adaptar, não porque não concordem com eles). Em meio a psicopatas fracos e inofensivos ou perigosos e agressivos, aqueles com bom comportamento social são de difícil observação.

Alguns conseguem direcionar essa brutalidade onde é socialmente aceita, e assim se tornam economicamente bem sucedidos. As pessoas ao seu redor, porém, sofrerão com sua brutalidade e falta de empatia não comedida.

Os outros sintomas secundários são o tédio e a busca pela escalada social. O primeiro diz respeito a uma vida sem Eros ou moralidade: sem esses aspectos na vivência humana, será uma vida monótona, como um vácuo que precisa ser preenchido com atividades destruidoras e sem propósito. O segundo diz respeito a uma tentativa de

se chegar à posição mais alta socialmente, não importa a que custo, e obter seu reconhecimento. Essa vontade vem da solidão e desespero que sentem por se sentirem estranhos entre os outros, um inválido com falta de algo essencial. Assim, crê que só poderá compensar sua peculiaridade com sucesso e aceitação sociais. Claro, tudo isso a partir de uma noção de poder, uma vez que esse é seu único meio de se relacionar com as pessoas, na falta de Eros.

Uma vez evidenciados os sintomas e suas dinâmicas, é importante a ressalva de que um psicopata “puro” é raro. Em um espectro entre dois extremos, no qual uma das pontas seria a figura do santo (no qual Eros sempre será encontrado em sua plenitude, a ponto de a moral nem se fazer necessária) e a outra a do psicopata puro (a falta total de Eros e moralidade), a grande maioria se encontrará em alguma posição entre esses dois lados. Para essas pessoas entre os polos, quanto mais forte for o senso de Eros, menor será a necessidade de uma moralidade. Quão mais próximo do lado da psicopatia, maior será a dificuldade da moral de preencher todo o espaço deixado por Eros. Dessa forma, aqueles que tendem ao lado da psicopatia tentarão compensar essa condição de alguma forma, tendo em vista inconscientemente um balanceamento dessa psique com algo faltante, deficiente. Esses psicopatas compensatórios se aproximam das pessoas “comuns”.

Essa compensação se dará a partir de um preenchimento do espaço vazio de Eros, tornando-se moralmente rígidos, tendo em vista uma adaptação social. Esses psicopatas compensados procurarão, portanto, ocupações que ajudem a manter a rigidez moral na ordem social. Por exemplo, um professor ou um ministro. Essas profissões possibilitam a eles a assegurar e fortalecer a própria moralidade fraca e sua quase absoluta falta de Eros, chegando a graus cada vez mais baixos e sinistros.

Psicopatas assim tiveram participações consideráveis na história, como os administradores dos campos de concentração na Alemanha e os comandados por Stalin, por exemplo.

De certa forma, todos temos um lado psicopático que compensamos. Sintomas de um psicopata compensado seriam a rigidez moral, moralismo, atenção compulsiva por ordem e deveres e regulamentações em excesso.

Ainda sobre seu funcionamento, psicopatas ou psicopatas compensados podem fazer uso da agressão para conseguir seus próprios objetivos egoístas, sentindo por vezes dificuldades em se afirmar quando há pouca agressividade. Novamente, a falta de Eros. Naturalmente, contudo, todo esse funcionamento explicitado anteriormente, desde sua dinâmica psíquica até seus sintomas primários e secundários, não se passa incólume na percepção daqueles que rodeiam alguém com essa condição. De fato, na realidade, “porque psicopatas fornecem particularmente um solo fértil para a cultivação de nossas próprias projeções sombrias, quando o fazemos nós não sentimos pena por eles, quando o fazemos sentimos ódio por eles, vendo neles nosso próprio potencial destrutivo”⁵ (CRAIG, 1980, p.113, tradução nossa).

Essa projeção no outro, ao visualizar sua agressividade e odiá-lo por isso, diz muito a respeito do funcionamento da sombra. A sombra pode ser entendida como o inconsciente pessoal de cada indivíduo que, durante as relações, é costumeiramente projetada nas outras pessoas. Trata-se de conteúdos reprimidos pelo ego, como se fosse sua face oposta. Partes da personalidade que normalmente fariam parte da consciência se fossem integradas, porém foram suprimidas por questões de valores incompatíveis entre os conteúdos conscientes e inconscientes, seja por valores emocionais. O conteúdo reprimido em si, de um modo geral, “[...] possui uma qualidade imoral ou, pelo menos, pouco recomendável, contendo características da natureza de uma pessoa que são contrárias aos costumes e convenções da sociedade.” (STEIN, 2006, p.98). O ego involuntariamente, por vezes, usa a sombra para atuar no mundo em casos nos quais existiria um conflito moral interno no indivíduo, devido à forma entendida como desagradável por aquele sujeito. Por conta dessa dificuldade de lidar com esses aspectos reprimidos, o ego estabelece métodos de defesa para não entrar em contato com eles. Vale ressaltar que a sombra não necessariamente são conteúdos considerados ruins, tendo por base os modelos de ética e moral vigentes.

A sombra tem base arquetípica, ou seja, um potencial para comportamento com o qual nascemos, que pode ser o elemento destrutivo. Embora uma sombra pronunciadamente arquetípica não seja característica à psicopatia, uma sombra sem Eros

⁵“because psychopaths provide particularly fertile ground for the cultivation of our own shadow projections, when we do not pity them, we hate them, seeing in them our own destructive potencial.” (Craig, 1980, p.113)

assim o será, devido ao seu potencial em destruição. Nos psicopatas “puros”, citados anteriormente, há um forte funcionamento a partir de uma sombra arquetípica.

Embora raramente procurem terapia, a depressão e desespero que sentem eventualmente podem fazer com que sigam a um consultório. Nesse momento, o maior perigo que o terapeuta pode passar é de uma inflação própria de ego, crendo que conseguirá curá-lo plenamente, sempre mirando um sucesso absoluto, como se fosse salvá-lo. O perigo mora em tentar remover a compensação existente na dinâmica interna do psicopata, o que poderia fazer todo o sistema interno do paciente entrar em colapso. Além disso, corre-se o risco de acabar sendo usado pelo psicopata a seu favor.

Lembrando que um dos sintomas é a falta de desenvolvimento, Craig acredita que deve-se desistir de qualquer esperança de desenvolvimento ou expectativa de que haja uma melhora do paciente. Trata-se em tentar ajudá-lo a perceber o mundo no qual está inserido, e tentar fazê-lo perceber um jeito de se viver nele sem que se prejudique a si mesmo, movido por sua impulsividade.

5. Capítulo III: A psicopatia no ambiente corporativo

Como já discutido, casos de psicopatas que tendem à violência, culminando em séries de assassinatos e outros tipos de atrocidades diretamente contra a sociedade na qual vivem são raros (tendo em vista, inclusive, que nem todo assassinato cruel é executado por alguém com esse tipo de transtorno). A população com traços mais característicos de psicopatia fica justamente entre as pontas no espectro do santo perfeito e do psicopata puro. Assim sendo, esses psicopatas na verdade estão convivendo de alguma forma com o resto da população, construindo suas vidas a partir de seus próprios princípios. Essa capacidade de se mesclar à população, camuflar-se como um cidadão comum é o que justamente dificulta a precisão em encontrá-los e definir uma estimativa precisa sobre uma relação psicopatas/população geral.

Pessoas com tendências psicopáticas podem, portanto, estar em qualquer lugar sem que seja percebido. Diversos estudos seriam possíveis para os mais diversos ambientes, porém chama a atenção o funcionamento desses indivíduos em um deles ambientes: o ambiente de trabalho. Mais especificamente, no ambiente empresarial.

Robert Hare, psicólogo especialista em psicopatia, dedica um livro unicamente a essa relação entre o ramo empresarial e psicopatas, chamado “Snakes in Suits” (2006) (“Serpentes de Ternos”, em tradução livre). Embora o comportamento psicopático pareça pouco atrativo para grandes empregos corporativos e empresariais e que exigem bom relacionamento interpessoal, eles continuam sendo contratados. A explicação disso tange alguns fatores, levanta Hare.

Um deles diz respeito à atração que as pessoas sentem por esses indivíduos, devido ao seu charme e carisma, o que faz com que tenham bom desempenho em entrevistas de emprego. Outro aspecto passa despercebido ainda na entrevista: a característica psicopática impositiva e por vezes agressiva pode ser confundida com senso de liderança, algo muito buscado em grandes empresas para altos cargos. Essa mudança de cenário corporativo, inclusive, saindo de um cenário mais burocrático para um que preza mais a liberdade e tomada rápida e firme de decisões, também incentiva a contratação de sujeitos psicopatas. As novas organizações pautadas nessa nova lógica organizacional são mais flexíveis, o que é muito convidativo ao psicopata e seu poder de

manipulação, sua motivação de conseguir o que querem sem se preocupar em machucar as outras pessoas.

Várias habilidades tornam difícil ver quem é um psicopata, inclusive no ambiente empresarial. Caracteristicamente os psicopatas têm facilidade, quase um talento, em ler as pessoas, identificar seus gostos, motivações, necessidades, pontos fracos e vulnerabilidades, conseguindo rendê-las com facilidade. Possuem boa comunicação oral e são mestres em causar impressões como se fossem camaleões sociais com suas máscaras.

Robert Hare descreve a evolução interna em uma corporação de um psicopata em três fases. A primeira é chamada de Fase de Avaliação. Nela, o psicopata está em momento de observação e elaboração do que é chamado de “poder informal”, que diz respeito em descobrir aqueles com poder dentro da empresa, com títulos e funções importantes, e avaliar como usá-los estrategicamente para seus fins. Trata-se de um período inicial chamado por Hare de “lua-de-mel”, no qual aprende sobre a empresa, conhece e se apresenta às pessoas e mostra lealdade e competência. Mesmo funcionários com cargos mais baixos, mas que exercem funções estratégicas dentro da cadeia da corporação, como uma secretária que controla o calendário de um chefe ou alguém que tem acesso a informações acerca dos funcionários também têm sua função nos planos de um psicopata para que ele consiga atingir seus planos. Nessa fase, além desse levantamento acerca da utilidade e valores daqueles à suas voltas, vivem de forma parasita pelo trabalho dos outros, embora por fora pareçam sociais. Essa forma parasita se baseia em um grande senso de auto-importância que leva a crer que os outros existem para tomar conta deles, como se fosse uma benção àqueles que julgam inferiores por estarem com eles. Creem que todos no mundo vivem para destruir uns aos outros.

A segunda fase chama-se Fase de Manipulação, durante a qual pretende-se ganhar a confiança daqueles visualizados como potencial para conseguir o quer, construindo uma relação próxima e pessoal. Para isso, fazem uso do charme que lhes é característico e, quando conseguem suas primeiras impressões dessas pessoas, elaboram um personagem fictício (como se fosse uma máscara, uma persona que melhor se adapta àquele alvo em específico) para se aproximar. A falta de empatia e culpa já demonstradas na primeira fase também surgem aqui, na manipulação. Conseguem ser

bem-sucedidos justamente pela sua habilidade quase patológica de mentir: livres de questões sociais, medo, empatia, remorso e culpa, os psicopatas contam histórias críveis e criativas, que cativam seu ouvinte, trazendo sua confiança a eles. Não veem o menor valor em dizer a verdade e não tomam responsabilidade no que dá errado no ambiente no qual trabalham.

A Fase de Abandono é a derradeira, quando a vítima não é mais útil e, portanto, apenas a descarta quando já cumpriram com seu papel dentro do planejado, abandonando-as à própria sorte em meio à confusão em que foi metida. São capazes de fazer isso devido à falta de apego social e emocional e graças às relações de curto prazo que estabelecem com as pessoas. Apesar desse traço, os psicopatas percebem que as pessoas possuem algo chamado “emoção”, e tentam mimetizá-las para aparentar compaixão e humanidade, por mais que essa cópia acabe soando superficial.

Psicopatas não investem esforços naqueles que julgam pouco importantes, o que deixa claro a essas pessoas a máscara que usam com os outros, uma vez que estão fora do campo de atuação deles, assistindo de fora o teatro que montaram. Com suas vítimas, usarão a persona que melhor contribuirá para fazê-las revelar suas características valorizadas pela vítima em si mesma, bem como fraquezas e inseguranças que tentam minimizar ou esconder. Basicamente, o mecanismo que se dá durante a formação da relação pode ser visualizado no decorrer de quatro mensagens que o psicopata tenta passar à vítima: “eu gosto de quem você é” (uma vez que achar alguém que nos enxerga é confortável, em meio a um ambiente hostil como o empresarial, no qual as pessoas tendem a olhar só para si mesmas); “eu sou como você” (momento no qual o psicopata passa a dar informações a seu respeito para a vítima, aparentemente se abrindo para ela, e que fazem crer ser alguém com os mesmos valores da vítima, conquistando sua empatia); “seus segredos estão seguros comigo” (uma vez que sensação de segurança é primordial para o conforto frente a uma relação, a ideia de encontrar alguém que seja parecido consigo passa justamente essa sensação); “eu sou o amigo/amante/parceiro perfeito para você” (todas as mensagens anteriores culminam na criação de uma ideia de que a relação estabelecida pode ser perfeita e especial, uma vez que o psicopata tenta transmitir exatamente aquilo que sua vítima procura na relação com o outro).

Uma empresa altamente burocratizada não é atraente aos psicopatas na medida em que são quebradores de regras, não gostam de trabalhar em grupo, tem pouco interesse nos objetivos a longo prazo da organização, não dividem a mesma ética que os outros e são lugares que não oferecem um jeito fácil de se esconder. Tudo isso diz respeito ao funcionamento de uma empresa mais tradicional: com regras e leis mais intensas, a necessidade de um planejamento detalhado, a prática de trabalhos grupais e firme fiscalização afastariam o psicopata desse tipo de ambiente. Para que tenham sucesso, precisam atuar nos bastidores.

Outro fator que colabora para a entrada de psicopatas em empresas é a possível falta de clareza quanto ao papel que um cargo elevado dentro de seu funcionamento deve exercer. Em geral, cargos assim tendem a valorizar pensamento crítico, planejamento estratégico, liberdade para agir, liderança e bom relacionamento interpessoal, que são avaliados em entrevista pessoal, na qual o psicopata consegue se destacar com excelência devido aos aspectos já discutidos. A falta de uma definição mais precisa do cargo também faz com que os sujeitos sejam avaliados por juízos de valores pessoais do entrevistador, baseando-se em seu gosto pessoal de quem gostou mais ou menos, com quem simpatizou mais, além de ter em seu imaginário um suposto potencial do ótimo profissional que ele pode vir a ser, uma vez que, na entrevista, acessarão o sistema de valores do entrevistador, suas necessidades pessoais e padrões e então montar seu discurso e comportamento para fazer uma boa impressão. Alheio a tudo isso, também não é difícil para os psicopatas criarem currículos falsos, fazendo uso de seus dotes em mentir.

O ambiente corporativo também facilita a aproximação do psicopata à vítima devido à sua característica de confiança uns nos outros. Para esconderem sua personalidade egocêntrica, manipuladora e irresponsável, criam histórias falsas a seus respeitos para condizer com as expectativas e requerimentos, além de também pretenderem estabelecer relações com indivíduos importantes no local de trabalho (seu valor é medido de acordo com a posição que ocupa na hierarquia interna, habilidades técnicas, acesso a informação e controle monetário e de staffs).

De maneira geral, aqueles envolvidos no cenário montado pelo psicopata durante sua passagem pela empresa são divididos de acordo com seus papéis que exercerão. O

objetivo final é preparar um setting dentro da estrutura da organização que pode desenvolver excitação, avanço e poder, sem preocupação em causar dor aos outros. Existirão os peões, os patronos e os bodes-expiatórios. Os peões são identificados pelos recursos que têm potencial em prover, como informação, dinheiro, influência e contatos, manipulados para tal. Os patronos são executivos influentes que tomam para si empregados talentosos para seus cuidados e os ajuda a progredir pela organização. Eventualmente, os peões se tornam os bodes-expiatórios, tendo sido enganados, sentindo-se incrédulos ao ver que a pessoa que gostavam e confiavam os traíram dessa forma.

Psicopatas manipuladores dariam certo nos negócios, na política e outras profissões graças às suas habilidades para fazer os outros acreditarem que eles são honestos e éticos e têm talento, experiência e faro para liderança, alcançando cargos altos. Conseguem se adaptar bem à sociedade e, como apontado por Adolf Craig (1980), podem direcionar sua brutalidade onde é socialmente bem aceita, e assim se tornam economicamente bem sucedidos. Novamente, o objetivo do psicopata é se integrar junto aos seus alvos, estabelecer confiança, galgar seu caminho, construir um forte relacionamento com aqueles com poder e ter uma vantagem parasitária com todos. Dessa forma, apesar de seu sucesso, causam grande sofrimento em colegas e familiares.

Entre as profissões que procuram e nas quais são bem sucedidos, estão aquelas que envolvem a manutenção da moral na sociedade, como professores e cargos públicos. Essas são atraentes justamente devido ao seu caráter moral, uma vez que possibilitam a eles assegurar/fortalecer a própria moralidade fraca e sua falta absoluta de Eros.

Em uma democracia, o poder dos cargos mais altos é tão restrito que dificilmente chega a seduzir um psicopata. A liberdade do poder em uma ditadura é extremamente atraente para eles, ocasionando em tiranismos que já observamos durante a história da humanidade, como o nazismo e o regime stalinista. Um paralelo possível aqui, com o funcionamento do regime político vigente perante seus governados, é o funcionamento e dinâmica de uma empresa perante seus funcionários. Tal qual dito por Hare, uma empresa mais pragmática, com flexibilidade moderada não é interessante para um psicopata, uma vez que seu raio de intervenção seria limitado.

Durante seu livro “Snakes in Suits” (2006) sobre psicopatia em local de trabalho, Robert Hare elabora um caso fictício no qual Dave, personagem principal, consegue um emprego na Garrideb Industries. A princípio tudo anda nos conformes, até que poucos meses depois as coisas em torno de Dave começam a ficar estranhas. A história completa e traduzida consta em anexo neste trabalho.

Dave já se apresenta com grande eloquência, com confiança e sorriso de orelha a orelha. Não demora muito para conquistar as pessoas à sua volta, bem como seus entrevistadores. Um dos erros apontados por Robert Hare trata-se justamente da falta de uma boa definição do trabalho no momento da entrevista, o que faz com que os encarregados passem a julgar o entrevistado por gosto pessoal e afinidade. Para um psicopata como Dave, é fácil fazer uso de seu charme, um dos sintomas secundários, para conquistar seus entrevistadores. Reconhecendo cada faceta de seus interlocutores, como descreveu Hare, permite-o elaborar a persona mais adequada para a sua conquista. Desprendido de qualquer de todos os valores de Eros, usa seus truques sem inibição. Seus agrados, suas falas, suas reações são todas pensadas em benefício próprio, a obtenção da vaga.

Ao começar a trabalhar, outros traços característicos já aparecem logo no primeiro dia. A decepção que sentiu com seu escritório a princípio, sem qualquer preocupação de supressão, mostra seu pavio curto e uma curiosa despreocupação no que pode causar nos outros com o que diz. Não demora muito para reestabelecer uma persona agradável e que sabe que é a mais apropriada para a ocasião.

Durante sua estada inicial na Garrideb Technologies, Dave passa a fazer o reconhecimento dos funcionários da empresa, de forma a avaliar suas utilidades para si. Como Hare coloca, busca separar os patronos dos peões, em prol da criação de seu poder informal dentro da companhia. Logo percebe figuras com influência, como Frank e John, e busca se tornar seus amigos, mantendo sua persona e emoções falsas e rasas ao longo de seu emprego. O incômodo que sentiu com o guarda Todd no estacionamento demonstra que não viu nele um peão em potencial, é alguém inútil para sua cadeia de influências e crescimento próprio. Assim sendo, trata-o com desdém e apatia a princípio, afastado de qualquer consideração, sendo descartado. O Eros faltante em Dave fica claro neste momento, além da desvalorização das regras sociais, como a proibição de

estacionar naquele local. Para Dave, aquilo não lhe diz respeito, uma vez que vive em um alheio a ele, como se não fosse de lá. Seus atrasos também dizem respeito a esse absoluto abandono quanto às leis e regras, por mais que as conheça.

Dorothy passa a ser sua principal vítima na história, ao menos diretamente. Além de estabelecido relação com seus patronos e constituir sua rede de poder informal, a mulher é vista como um peão extremamente útil para o seu crescimento profissional no local, dada sua capacidade bom trabalho. Assim sendo, Dave adapta sua persona para melhor funcionar com sua vítima, uma vez que essas máscaras não representam nada em seu desenvolvimento pessoal, sendo vazias de conteúdo e sinceridade. A manipulação de Dave com Dorothy só é possível graças à falta do arquétipo de Eros, que leva à incapacidade de amar, um dos sintomas primários. Este, por sua vez, é a base para a falta de empatia, caracterizando a relação que Dave estabelece com Dorothy, baseada no poder e no controle, e possível também graças à sua moralidade fraca. Naturalmente, Dave viu, em momentos da sua vida, que essa forma de se relacionar sobre suas retaliações e não é bem vista socialmente. Dessa forma, monta sua persona para esconder sua intenção. É extremamente afável com Dorothy no telefone, tocando seu coração, como apontava Robert Hare: psicopatas conseguem perceber e entender as fraquezas e inseguranças das suas vítimas, para que assim consigam confortá-las e se aproximar, até convencê-las a fazer o que pedem.

Usando os projetos de Dorothy para serem apresentados em seu nome, desconsiderando qualquer dor que isso eventualmente possa causar a ela, uma vez que não se identifica com a dor dos outros (alguém com um Eros fraco não pode entender o que o outro sente), Dave envia os documentos a Frank para serem usados na reunião. Sabe que Frank é um patrono com influência e que ele é o caminho para alcançar uma posição mais alta, após usar Dorothy. Não antes, porém, de causar mais uma situação de extremo incômodo e angústia a seu chefe. Como um psicopata não possui insights frutíferos sobre o ambiente à sua volta, aliado novamente à falta de consideração pelo outro, Dave envia a Frank cópias de um artigo para serem apresentadas. Aqui, a desconsideração pelas regras sociais e moralidade em copiar um documento original também se juntam aos seus insights inúteis, uma vez que não liga para as consequências de seus atos que poderiam prejudicá-lo. Seu imediatismo, típico dos psicopatas, poderia inclusive lhe custar caro. Os arquivos primeiramente enviados o foram por saber que há

regras que as pessoas cumprem, porém com as quais não concorda e nem liga. Porém, viu em sua vida que, se não fizesse algo do gênero de mandar um documento, seria demitido. Não se importando com o que poderia ocorrer, enviou uma cópia pura e simplesmente para se livrar logo da obrigação que tanto lhe irritava. A falta de consideração novamente aparece, ao colocar Frank em uma situação delicada.

Não é de se estranhar que Dave, quando questionado, invente uma história para se explicar. Dave elabora uma história unicamente para se livrar do problema, não se importando com possíveis contradições que possam surgir posteriormente. Claro, tudo de forma a ficar bem com Frank, seu chefe. Sua persona e seu charme convencem Frank, embora ainda lhe reste dúvidas a respeito de Dave.

O sintoma primário da falta de moralidade, como já tem aparecido até aqui, é ainda mais visível após as investigações de Frank e John sobre Dave e como tem se saído na empresa. Criando diversas histórias diferentes para as mesmas situações, a falta de noção de consequência o faz usar as outras pessoas como bodes-expiatórios. Estes últimos (que eram peões anteriormente e agora foram descartados) são formados justamente pela falta do arquétipo de Eros por Dave, colocando as pessoas em posições desvalorizadas e comprometidas, enganadas e ludibriadas. A falta de moral, também culpa da invalidez em Eros, mostra-se na criação de fatos mentirosos e prejudiciais às outras pessoas. Sua capacidade de mentir, ou seja, sua capacidade de estabelecer personas, mostra-se também na criação de cartas de recomendação e currículo. Porém, uma vez que não consegue vivenciar as emoções como de fato são vivenciadas pelas outras pessoas, suas personas são superficiais, e isso se reflete no material que forja: são contraditórios entre si, bem como com relação à própria fonte, como as empresas que alegou ter trabalhado. É nesse momento que fica claro também o abuso e manipulação por parte de Dave com Dorothy e seu pavio curto e seu desrespeito e forma agressiva e autoritária em lidar com os funcionários, pautado em relação movida pelo poder, preterindo o amor.

A história chega a um final trágico: uma vez patronos e influentes na cadeia de poder avaliada por Dave, Frank e John já não são mais necessários (inclusive, sendo usados como bode-expiatórios eles mesmos), precisando sair do caminho para que Dave possa tomar uma nova posição na empresa, mais alto. Dave, então, entra em contato

diretamente com seu novo patrono, Jack Garrideb, o próprio presidente da empresa, e consegue sua promoção, além de garantir a demissão de Frank, provavelmente com mais uma história criada. É gritante a total falta de empatia e preocupação em como pode estar acabando com uma vida ao manchar a carreira de uma pessoa, além do sofrimento psíquico causado às pessoas que foram abusadas moralmente, como Dorothy.

O funcionamento psicopata de Dave apresenta também uma compreensão da lacunae, o deserto da alma: algo faltante e que não pode ser preenchido, uma terra inóspita e impossível de ser semeada, uma vez que seu solo é infértil. Falta em Dave a compreensão e empatia que justamente são vivenciados em Eros. Porém, com sua invalidez em Eros, esse vazio não poderá ser preenchido; a lacuna deixada na alma de Dave não conseguirá ser completado. Ademais, Dave não compensa sua falta de Eros com uma moral substituta, mas permanece em sua psicopatia. Sintomas de um psicopata compensado, como rigidez moral, moralismo, atenção por ordens e deveres (Dave reclamava do excesso de reuniões e constantemente chegava atrasado), não se fizeram presentes no enredo.

6. Considerações finais

Este trabalho, tendo como objetivo um levantamento bibliográfico aliado à análise de um caso ilustrativo, pretendeu discorrer acerca desse tema denso e ainda obscuro para contribuir no aprofundamento de discussões futuras. Uma vez que não se sabe a causa definitiva da psicopatia, algo que ambos Adolf Craig e Robert Hare fazem questão de ressaltar em seus livros, os caminhos são intrincados e tortuosos em direção a uma resposta.

Assim sendo, a reflexão nascida neste trabalho diz respeito justamente o questionamento com o qual nasceu: com todos os materiais levantados e todas as análises feitas, permanece a vontade e interesse em pesquisar e discutir mais sobre o quadro, uma vez que se trata de uma pergunta sem resposta. Especialmente por se tratar de algo tão presente em nosso cotidiano, por mais que tentemos acreditar que se trata de algo distante. Está mais perto do que parece e tem mais controle em nossas vidas do que gostaríamos, tendo vista figuras públicas, multinacionais e sistemas políticos regentes no dia-a-dia, que aos poucos vai afetando o modo de convivência entre as pessoas na sociedade. Discutir a respeito e perceber que por vezes nos encontramos inseridos em uma lógica psicopática trata-se, na verdade, de uma questão moral, como acredito que Craig faria uma leitura. Todos temos traços psicopáticos, e assim sendo, discutir a respeito diz respeito à integração desse conteúdo sombrio e, dessa forma, evitar uma compensação que cairia no erro de formações de bodes-expiatórios.

Ademais, essa cada vez mais urgente reflexão sobre a psicopatia também diz respeito a uma discussão quanto ao código penal. A discussão sobre a imputabilidade penal quanto ao diagnóstico específico de psicopatia ainda é um debate aberto, sem uma definição na legislação. Uma vez que não se sabe a causa, é muito difícil avaliar seu grau de sanidade.

Uma vez que este trabalho pretendeu uma análise desse quadro em um ambiente do cotidiano de um diagnóstico típico da psicologia jurídica, espero ter contribuído para a literatura, tanto da psicologia analítica, quanto da área forense e organizacional. A mim, é um incentivo a continuar o aprofundamento no tema.

7. Referências

ABOUT US. 'Disponível em' < <http://www.mhs.com/Info.aspx?id=About> > Acesso em 31 out. 2015.

BABIAK, Paulo; HARE, Robert D. *Snakes in suits: when psychopaths go to work*. Harper, New York, 2006.

BATISTA, Dayse. *DSM IV – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. 4. Ed. Artes Médicas, Porto Alegre, 1995.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. *A psicopatia individual e Coletiva Socialismo: Um Estudo da Psicologia Simbólica*. Sociedade brasileira de psicologia analítica, São Paulo, 2003, n. 21.

Centro Colaborador da OMS para Classificação de Doenças em Português. *CID-10: Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde*. 9 Ed. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

CID 10. 'Disponível em' < <http://datasus.saude.gov.br/sistemas-e-aplicativos/cadastros-nacionais/cid-10> > Acesso em 31 out. 2015.

DSM. 'Disponível em' < <http://www.psychiatry.org/psychiatrists/practice/dsm> > Acesso em 31. Out. 2015.

DUARTE, Juliana Gonçalves. *Vitimizador ou Vítima? Uma análise da psicopatia segundo a visão da Psicologia Analítica*. São Paulo, 2003. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

FEGURI, Fernanda Eloise Schmidt Ferreira; MOURA, Juliana Atanai Gonçalves. *Imputabilidade penal dos psicopatas à luz do código penal Brasileiro*. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

GARRIDO, Vicente. *O psicopata: um camaleão na sociedade atual*. Paulinas, São Paulo, 2011.

GUGGENBÜHL-CRAIG, Adolf. *Eros on Crutches: Refletctions on Amorality and Psychopathy*. Spring Publications, Irving/Texas, 1980.

HARE, Robert D. *Sem consciência: o mundo perturbador dos psicopatas entre nós*. Artmed, Porto Alegre, 2013.

INTERNACIONAL CLASSIFICATION OF DISEASES (ICD). 'Disponível em' < <http://www.who.int/classifications/icd/en/> > Acesso em 31 out. 2015.

JUNG, C. G. *Psicologia do inconsciente*. Editora Vozes, Petrópolis, 2011, vol. 7/1.

JUNG, C. G. *O eu e o inconsciente*. Editora Vozes, Petrópolis, 2011, vol. 7/2.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Mentes perigosas: o psicopata mora ao lado*. Principium, São Paulo, 2014.

STEIN, Murray. *Jung: o mapa da alma: uma introdução*. Cultrix, São Paulo, 2006.

8. Anexos

Caso Dave:

Esta é uma história fictícia criada por Robert Hare para ilustrar um caso de psicopatia em um ambiente empresarial. É contada em cenas (capítulos) durante o livro “Snakes in Suits” (2006) que são intercaladas entre si com os capítulos teóricos do livro acerca do tema. Neste anexo encontram-se todas as cenas compiladas, bem como traduzidas de forma livre pelo autor deste trabalho.

Ato I, Cena I – Grande Entrada

Alguém poderia imaginar que ele estava chegando para uma sessão de fotos para a GQ, julgando pela sua entrada forte, confiante e suave. Enquanto ternos para entrevista passavam, o seu era o melhor. Seu sorriso era largo e dentuço, sua camisa era branca e viva, e, bem, o pacote inteiro estava perfeito.

“Oi, eu sou Dave. Estou aqui para ver Frank”, ele disse à recepcionista, que já o havia notado, assim como as outras mulheres jovens que já se posicionavam discretamente na sala de espera. “Vou ligar para ele, senhor. Sente-se, por favor”, ela respondeu. “É bom te ver de novo”, ela sorriu. E com certeza era, ela pensou, enquanto ela sorria para si mesma e encarava suas concorrentes.

“Olá, Dave, bom te ver de novo”, soou a voz de Frank, irradiando pela sala enquanto ele se aproximava de Dave. “Como foi a viagem?”

“Boa, prazerosa”, colocou Dave enquanto lhe dava um aperto de mão firme.

“Nós temos mais algumas entrevistas para você hoje”, disse Frank. “Só alguns caras do RH, e um encontro com o meu chefe, nosso vice-presidente, e então um almoço e uma turnê pelo pessoal em volta”.

“Ótimo, estou pronto para começar”, disse Dave.

Garrideb Technologies era uma daquelas companhias de alta tecnologia, nascida em uma garagem no centro-oeste, que havia disparado para o sucesso além dos sonhos mais selvagens de seus fundadores. Por causa do incrível crescimento da companhia,

mudanças na organização eram extremamente necessárias, não tanto quanto era a necessidade de contratar mais funcionários. O time de gestão foi atrás do melhor talento disponível para acompanhar o crescimento da demanda por seus produtos e serviços. Poucos candidatos tinham currículos com educação especializada e experiência que eles precisavam, mas Dave tinha.

As entrevistas com os RH foram melhores do que essas entrevistas costumam ser. Esses tipos de entrevista tendem a sondar mais profundamente as motivações das pessoas do que os entrevistadores de departamento, e pedem detalhes demais sobre os trabalhos passados e referências, mas Dave era educado. “Eu ficarei tanto quanto vocês precisarem de mim”, ele disse, sorrindo, “então qualquer coisa que vocês precisem, por favor, é para isso que estou aqui”. Depois que terminaram, o assistente do RH acompanhou Dave para a ala executiva.

“Bem-vindo, Dave, estou feliz que finalmente o conheci”, afirmou John, o vice presidente de novos produtos, notando a encantadora gravata contra a camisa engomada de Dave. “Como foi sua chegada?”.

“Excelente”, afirmou Dave, “esta é uma parte bonita do país. Mal posso esperar para conseguir ter uma melhor olhada ao redor. Suas instalações são extraordinárias; Eu nunca havia visto tal arquitetura”.

“Obrigado”, respondeu John. “Nós tentamos fazer com que seja confortável para nossos funcionários. Sucesso tem suas recompensas, e nós não poupamos o conforto”.

“Eu ouvi um pouco do Frank sobre seu plano estratégico, e eu li a folheto da companhia, mas eu gostaria de ouvir os detalhes de você, como o principal estrategista do sucesso dessa companhia. Como você fez tudo isso?”, perguntou Dave. Contente com o interesse de Dave no futuro da companhia, ele pegou alguns slides do encadernador na sua estante para mostrar para Dave alguns gráficos. John se lançou na sua exposição de seus planos. “Inacreditável!, Você realmente fez um grande trabalho orquestrando tudo”, exclamou Dave.

John estava satisfeito de interagir com alguém que, apesar de sua idade, entendia tão bem as complexidades de se construir um negócio. Ele colocou de lado as perguntas sugeridas que o RH avia preparado para ele e pediu a Dave para falar um pouco sobre ele. Dave fez o favor de descrever sua história de trabalho, dando muitos exemplos refletindo o respeito de John pelo trabalho duro e diligência. O alcance da experiência de

Dave era –aos trinta e cinco anos- impressionante, documentada por um currículo e um portfólio que muitos levariam uma carreira para conseguir.

A entrevista com John foi excepcionalmente bem. Assim que a entrevista acabou, Dave estendeu sua mão, sorriu, e disse, olhando diretamente nos olhos de John, “Muito obrigado pelo seu tempo. Estou aguardando ansiosamente para trabalhar de perto com você; eu sei que eu posso ajudar a realizar sua visão estratégica”.

“O prazer foi meu; eu espero te ver de novo”, respondeu John. A secretária de John acompanhou Dave de volta para a entrada para esperar por Frank. Não se poderia pedir por um candidato melhor, pensou John enquanto ele discava para Frank com sua aprovação.

Frank pegou seu paletó, mas assim que alcançou a porta de seu escritório em seu caminho para encontrar Dave para o almoço, seu telefone tocou, “eu gostaria que todos nós estejamos juntos mais tarde hoje para discutir a contratação de Dave”, disse a diretora de RH.

“Oh, Melanie, isso não será necessário. John e eu acabamos de concordar em oferecer Dave o trabalho; eu vou encontra-lo para o almoço e lhe farei a proposta”.

“Mas nós concordamos em colocar todos os entrevistadores juntos para discutir cada candidato cuidadosamente; e nós queríamos trazer Tom de volta, o cara de Nova Iorque, para uma segunda olhada, inclusive”, ela lembrou Frank.

“Isso não será necessário; claramente, ninguém poderia pedir por um candidato melhor do que Dave”, ele disse enquanto desligava. Frank estava feliz por ter encontrado alguém com o encaixe certo para ambos o trabalho e a empresa, e ele não queria que ele escapasse.

Durante o almoço, Frank fez a proposta para Dave. Dave recuou ao ouvir a proposta original de salário, que na verdade era alta para o cargo, e Frank concordou em barganhar com um bônus de contrato e revisão salarial em seis meses.

Frank ficou muito contente quando Dave aceitou a proposta aprimorada. Vendo potencial de liderança nele, Frank sabia que o estilo de Dave, inteligência, e especialidade técnica faziam dele o candidato ideal para administração nessa bem sucedida e de alta tecnologia firma com rápido crescimento. Todos que entrevistaram Dave pensaram que ele era perfeito; uma das pessoas do laboratório até apontou que ele era “bom demais para ser verdade”. Dave começaria a trabalhar para Frank em duas semanas.

Ato I, Cena II – Livre e Administrando

O primeiro dia de Dave no trabalho criou muita excitação enquanto lhe mostravam o departamento e apresentavam-lhe os funcionários. Havia um rumor sobre a nova pessoa que havia sido contratado de uma grande empresa na indústria, e que os ajudaria a retomar um pouco do campo perdido resultante dos ciclos problemáticos de novos produtos. Todos vieram para cumprimentar Dave, e todos que o conheceram imediatamente gostaram dele. Ele tinha personalidade e boa aparência, sem mencionar seu forte antecedente técnico na principal área de pesquisa da companhia, e ele projetava uma confiança sólida como rocha.

Depois de introduzir Dave pela maioria dos departamentos, Frank o levou para seu novo escritório. “Oh”, murmurou Dave, um pouco desapontado pelo o que viu. “Eu pensei que seria um pouco mais próximo da ação”, ele pausou, “e um pouco maior.”

“Bem, nós estamos crescendo muito rapidamente e espaço para escritório é um prêmio”, ofereceu Frank, perguntando-se por que ele estava se sentindo apologético, “mas você se mudará assim que nós ocasionalmente misturarmos o pessoal. De fato, é um pouco pequeno aqui”.

Dave não estava se divertindo, mas assim que se virou para encarar Frank, abriu um sorriso e disse, “Isso é ótimo! Então, é melhor eu me estabelecer aqui e começar a ser produtivo!”.

Frank voltou para seu escritório e continuou seu cronograma de encontros, a escrever relatórios, fazer ligações telefônicas. Ele se encontraria com Dave por volta das 1:30 e levá-lo para almoçar na cafeteria da empresa – na verdade um restaurante de alta qualidade oferecendo comida de graça para os funcionários. E talvez, se ele pudesse, ele o levaria para a ala executiva e o apresentaria para Jack Garrideb, fundador e CEO, se ele estivesse por lá e estivesse livre.

A manhã passou rápido e Frank se imergiu em seus trabalhos. Marge, sua secretária, assustou-o quando ela chegou à porta em torno das 1:15. “Frank, Victoria do escritório do Sr. Garrideb ligou; ele gostaria que você passasse agora por lá”, ela disse, adicionando antes de deixá-lo perguntar, “ela não disse sobre o que era”. Frank pegou seus livros de projeto e calendário, e pegou seu paletó atrás da porta, vestindo-o enquanto saía de seu escritório e caminhava ao longo do corredor. Ele decidiu dar uma olhada em Dave enquanto passava por seu escritório para dizer-lhe que seu almoço

poderia ser postergado um pouco. Dave não estava em seu escritório, então Frank continuou, seus pensamentos retornando para quais projetos ele havia planejado e o que o CEO poderia precisar dele em um encontro tão imediato.

Chegando na suíte executiva, que era do outro lado da construção, Frank foi até a mesa de Victoria. “Olá, Vicki, então estou com problemas de novo?” ele brincou.

“Você sabe que nunca está com problemas quando se trata do Sr. Garrideb. Você ainda é o favorito”, ela brincou de volta. Vicki e Frank começaram na Garrideb Technologies no mesmo dia, e são amigos desde então. A cultura da companhia era amigável, relaxante e informal, mas a ala executiva era sempre intimidadora graças à aura de grande empresa que todo mundo pensava que deveria ser projetada para visitantes ou clientes em potencial.

Jack Garrideb viu Frank na mesa de Vicki pela sua porta aberta e acenou para ele entrar. Frank viu que Jack tinha alguém sentado em seu escritório, mas não conseguia ver muito quem era na cadeira de couro. “Hey, Frank, estive falando justamente com um dos seus”, disse Jack enquanto Dave se levantou e se virou. “Outra boa escolha! As coisas no P&D vão realmente começar a se mexer se seu novo associado tem alguma coisa a ver com ele!”

Frank estava de certa forma perplexo em ver Dave no escritório do CEO. “Bem, Jack, nós temos que acompanhar os caras do marketing que continuam prometendo aos compradores produtos que ainda não existem”. Ele sorriu enquanto eles apertavam as mãos.

“Boa sorte para você, Dave; você está agora trabalhando para a melhor pessoa no ramo”, disse Jack, enquanto Frank e Dave saíam. “Cara legal”, disse Dave enquanto se encaminhavam à cafeteria pelo corredor.

Os pensamentos de Frank já tinham voltado para o relatório do projeto que ele estava escrevendo quando uma fala de Victoria o interrompeu. “Você tem sorte que ele estava hoje; ele viaja muito”.

Ato II, Cena I – Companheiro amigável

Dave dirigiu pelo estacionamento procurando por uma vaga. Ele havia dormido demais e estava atrasado. Normalmente já em sua mesa antes de Frank chegar, Dave jurou para si mesmo e se encaminhou para o estacionamento de visitantes onde ele sabia que haveria vagas disponíveis. Não que houvesse muitas vagas no “40 norte”, o apelido

do estacionamento no extremo da construção, mas ele odiava ter que andar enquanto ele poderia estacionar bem mais perto. Eu deveria ter pedido por uma vaga reservada, ele pensou, vendo o novo Lexus de Dorothy na vaga de “funcionário do mês” logo ao lado da vaga de Jack Garrideb. Ele conhecia Dorothy por sua reputação no marketing. Eu deveria estar no marketing, pensou Dave enquanto ele estacionava na primeira vaga de visitante disponível, pegava sua maleta, e abria a porta.

Todd, da segurança local, fazia sua ronda. Ele trabalhava no turno da manhã, o que lhe caía bem. Sendo uma pessoa sociável, ele gostava de acenar e cumprimentar os outros funcionários enquanto eles chegavam para o trabalho, e em uma empresa como a Garrideb Technologies, ele tinha grandes benefícios – muito mais que do que ele conseguiria em seu ramo, trabalhando na segurança de estacionamento para outras companhias. Ele viu o carro sport vermelho se dirigindo para o estacionamento de visitante e decidiu investigar. “Você é funcionário da Garrideb, não é?” ele confrontou Dave depois de notar seu decalque de funcionário.

“O quê? Sim, estou atrasado para a reunião com o comitê executivo”, Dave disse, continuando a sair de seu carro. “Eu sou Dave S de pesquisa; eu tenho os planos para a nova linha de produtos”, ele disse, levantando sua maleta no ar, “e não ficaria legal para mim ou para você se eu me atrasar para essa reunião”.

“Estacionamento de funcionários são os B, C e D, senhor”, Todd lembrou Dave. “Temo que terei que lhe pedir para dirigir seu carro para a área de funcionários”.

“Ouça, Todd”, disse Dave, lendo o nome de Todd em seu crachá. “Eu te disse, eu tenho uma reunião e é muito importante”.

“Senhor, você não pode estacionar aqui”, Todd contrapôs severamente. Dave lhe deu um olhar maldoso, fechou a porte de seu carro, e começou a andar em direção à entrada do prédio. “Eu terei de multá-lo, senhor”, disse Todd, falando com as costas de Dave enquanto ele se afastava.

“Faça o que deve fazer, Todd. Eu não ligo, e estou certo que algumas pessoas importantes também não ligarão depois que eu apresentar meu material”, disse Dave bem alto enquanto se afastava. “Novos produtos pagam seu salário, Todd, não se esqueça disso!” gritou Dave enquanto ele se apressava sem se virar.

“Olá, Dave”, disse Debbie, da contabilidade, que tornou um hábito caminhar pelo corredor em direção à entrada todas as manhãs, apenas para se trombar com Dave. Hoje, ela havia feito essa rota quatro vezes e estava começando a se perguntar se Dave

viria ou não. “Aquele imbecil”, murmurou Dave entre seu fôlego, mas alto o suficiente para Debbie conseguir ouvir.

“Você está bem?” ela perguntou, aproximando-se e esperando engajar uma conversa. Dave olhou para frente.

“Sim, estou bem, apenas passei a noite em claro”, disse Dave, enquanto ele passava por ela na entrada. Ele me vê quase todos os dias por três meses, e ele ainda dá apenas um “bom dia” e um aceno! Pensou Debbie, tristemente, enquanto ele se afastava para a cafeteria para encher seu copo.

Dave chegou no seu escritório e colocou sua maleta no aparador. Pegando seu notebook, ele se encaminhou para a cafeteria por um café. “Olá, Marge”, ele sorriu enquanto passava por sua mesa. “O garotão está hoje?” ele disse espreitando o escritório de Frank e notando que sua maleta não estava lá.

“Reunião do comitê executivo fora da empresa; não espere nenhum deles de volta antes de quarta-feira. Como foi seu fim de semana?” ela perguntou. “Oh, o de sempre, fiquei até tarde na sexta para terminar aquele relatório para o Frank; provavelmente aquele que ele está dando ao comitê fora da empresa”. A reunião que eu deveria estar presente, ele pensou. No caminho para a cafeteria, Dave sempre tenta parar em todas as mesas. Em seus breves três meses, ele havia conhecido e se apresentado para quase todos os funcionários. Ele tinha suas listas. Havia os perdedores, é claro. Parece que conheci mais um perdedor essa manhã, ele pensou, rindo. Mas Dave também sabia quem os vencedores eram, e os em potencial, claro – havia muitos deles nessa empresa em rápido crescimento.

Assim que entrou na cafeteria, ele percebeu Dorothy na máquina de café. Ótimo, ele pensou, sorrindo. “Então, o empregado do mês bebe café como o resto de nós?” disse Dave aparecendo atrás dela.

“Oh, olá, sim. Eu sei, a vaga no estacionamento”, Dorothy disse, virando-se.

“É constrangedor, na verdade. Eu gostaria de pensar que eu sou só...”

“Eu sou Dave, prazer em finalmente conhecê-la”.

“Igualmente”, ela disse sorrindo.

“Posso te comprar um café?” ele disse brincando.

“Claro, a qualquer momento”.

Ato II, Cena II – Colhendo a maçã

Dorothy debruçou-se sobre seu laptop estudando o relatório recente dos grupos de foco sobre o novo projeto. Ela gostou do que ela leu e sorriu para si mesma. Garrideb tinha sempre dando suporte ao trabalho de seus funcionários superiores, e a recente promoção de Dorothy lhe deu autoridade para proceder. Ela havia mostrado ao seu chefe que ela podia terminar todos os seus trabalhos com tempo sobrando para trabalhar em suas próprias ideias.

O sol já havia se posto e os funcionários de limpeza haviam todos deixado o prédio. Ela aproveitou seu trabalho e trabalhar até tarde não a incomodava. Ocupada em seus pensamentos, ela não havia notado que horas eram. “Trabalhando até tarde de novo”, veio uma voz da porta.

“Oh”, ela saltou, virando-se, “Dave, você me assustou!”

“Desculpe, só passando por aqui e vi sua luz ligada”, ele disse, aproximando-se. “Deve ser algo bom, julgando pela sua concentração”.

“Oh, apenas uma coisa com a qual estou trabalhando”, ela disse, misturando nervosamente alguns papéis em sua mesa.

“Trabalhos pessoais? Em horário de trabalho?” ele brincou.

“Difícilmente. Mais como trabalho da empresa em horário pessoal”, ela sorriu de volta brincalhona.

“E eu pensei que eu era o único que trabalha demais aqui”, ele disse, inclinando-se em sua mesa para dar uma olhada na tela de seu computador.

“Desculpe, não pode olhar”, ela disse, levantando-se para bloquear a visão de Dave.

“Com licença”, ele disse, fazendo uma careta e se fazendo depois. “Eu pensei que você confiava em mim! Nós nos conhecemos há um mês – e eu sempre te compro café de manhã”.

“O café é de graça, Dave. Vai precisar fazer melhor que isso”, ela brincou. Dorothy e Dave começaram a se conhecer melhor desde que ele se aproximou dela na cafeteria. Os cafés matinais transformaram-se em almoços ocasionais, e eles beberam juntos uma vez depois de um trabalho da empresa. Eles dividiram histórias sobre a companhia e riram sobre alguns funcionários, mas nada fora do comum ou inapropriado. O foco de Dorothy era sempre em seu trabalho e carreira, e o conselho de seu pai de misturar trabalho com prazer estava gravado em sua mente. Não que ela não achasse Dave

atraente – todas as mulheres achavam – mas ela realmente não sabia muito sobre sua vida pessoal, e sentia que ela nunca deveria ir além disso.

“Você realmente acha que eles vão apoiar você nisso?” ele perguntou.

“Bem, Jerry disse que ele iria considerar qualquer coisa que eu apresentasse desde que eu tenha o arquivo”.

“Sim, mas Jerry não é o que toma decisões aqui”, retrucou Dave. “Bem, quem é, você?” ela riu.

“Frank é o que você realmente deve convencer. Ele é o bloqueio aqui, sabe. Ele só gosta de ideias que ele pensa, e independente do o que o marketing diz, ao menos que o desenvolvimento aprove, é história. Jerry não é garantido com o pessoal grande como o Frank. Frank vai arquivar na primeira chance que tiver”.

“Eu acho que ele vai gostar da minha ideia”, ela disse, sentindo-se um pouco defensiva, “e Jerry será importante para isso”.

“Eu iria atrás da simpatia de algumas outras pessoas antes de mandar alguma coisa pro Jerry”, Dave sugeriu em um tom paternal que Dorothy já ouviu que Dave às vezes usa com os outros.

“Então suponho que Frank não gostou de nenhuma de suas ideias ainda” ela disse pontualmente. “Você está aqui há um bom tempo; qual o seu histórico?”

“Cara, você fica corajosa às vezes, não é”, disse Dave, espalhando a tensão crescente na sala. “Desculpe, é só que eu estive trabalhando nisso por mais de um mês, e eu não quero pensar que politicagem vai impedir”.

“Esta é uma empresa grande agora, Dorothy. Haverá politicagem. E”, ele disse interrompendo-a antes que ela pudesse responder, “você não se sente muito confortável com política, eu diria”.

“Nós não temos toda a atenção como você tem, Dave. Eu vou fazer isso do meu jeito”.

“Só estou sugerindo que às vezes é mais sábio trabalhar com os outros. Uma mão lava a outra, sabe”.

“Por favor”, ela disse arrastando a expressão em duas palavras e revirando seus olhos. “Eu sei, você vai me fazer uma oferta que não posso recusar, certo?” ela disse, voltando-se para a tela de seu computador”.

“Bem, talvez...”

Ato III, Cena I - Pânico

Frank deixou a reunião exausto mas feliz que eram apenas 7P.M. na sexta à noite. Na maioria dos dias ele deixou o escritório muito mais tarde. “Outra reunião importante, Sr. Frank?” perguntou Marissa, a supervisora da faxina noturna.

“Sim, sempre reuniões. Mas essa foi útil; nós terminamos algumas coisas”. Marissa sorriu e Frank continuou ao longo do corredor em direção ao seu escritório. Ele acendeu a luz e viu a pasta que Dave havia deixado para ele no centro do seu registro. Abrindo-a, Frank viu o relatório que Dave escreveu, a impressão dos slides que Dave preparou, e o disco com os documentos. Excelente, ele pensou enquanto colocava a pasta em sua maleta, adicionando alguns outros documentos de sua mesa, e então a fechava. Virando-se para a porta, Frank suspirou e merecidamente se encaminhou para casa para um grande jantar com a família, um sábado no zoológico com as crianças, e um voo no domingo para a reunião onde ele faria sua apresentação.

O aroma de panquecas e ovos enchia a cozinha enquanto Frank serviu o café-da-manhã da família. Frank aproveitou essa ritualística manhã de domingo com as crianças e costumeiramente ia a igreja com elas, mas hoje ele tinha um voo à tarde e precisava terminar sua apresentação. Muito já estava feito; ele só precisava integrar o arquivo de Dave e então ele poderia continuar em fazer as malas. Sally juntou as crianças no carro e dirigiu até a igreja, depois um almoço com a avó, e então de volta para casa em tempo de encontrar Frank partir.

Silêncio, pensou Frank, sorrindo, enquanto ele levava seu café em direção ao seu recanto. Frank combinou de falar na reunião de conselho executivo em planejamento e estratégia na segunda de manhã. Detalhes de última hora foram arrumados com outros presentes durante a reunião de sexta; ele estava confiante que o conselho iria apoiar sua proposta de um novo produto – eles sempre apoiaram no passado. E dessa vez ele tinha a pesquisa de Dave, que melhoraria sua apresentação.

Frank abriu a pasta de Dave começou a ler o relatório e a olhar os gráficos. Frank leu e leu. Ele estudou os gráficos. Tomou um gole de café. Ele abriu a pasta para ver se havia esquecido de pegar parte do relatório. Começando a ficar preocupado, Frank reabriu o disco e procurou por mais arquivos. Não havia nada mais; ele tinha todo o material ali em sua mesa. Frank começou a ficar nervoso e então irritado. “Isso é lixo!” ele disse alto enquanto ele pegava seu telefone e ligava para a casa de Dave. O telefone

tocou e tocou. Não havia resposta, e não tinha caixa postal. Como pode alguém não ter uma caixa postal atualmente? ele pensou irritado. Vasculhando sua maleta, ele encontrou o número do celular de Dave e ligou. A ligação deu direto na caixa postal. Tentando se controlar, Frank disse firme e claramente a Dave que ele não tinha o relatório completo e pediu a Dave para entrar em contato com ele assim que possível com os números que ele precisava.

Frank releu o material, e aquilo pareceu familiar. Sua raiva lentamente se tornou medo ao perceber onde ele havia lido aquele material antes. Era de um artigo que ele leu em uma revista industrial algumas semanas antes – um artigo sobre o concorrente. Ele corria pelo artigo. “Meu deus!” exclamou Frank quando percebeu que Dave havia pego parágrafos do artigo e copiado em seu relatório. Os gráficos eram o mesmo, exceto que ele tinha mudado a marca do produto e a legenda para ler Garrideb Technologies, e havia aumentado as figuras 12% pela página. Não havia novos arquivos, projeções reais, e nem a apresentação de um novo produto!

Frank percebeu o que ele tinha que fazer. Ele acessou o computador corporativo e começou a procurar pelo banco de dados. Ele sabia que ele ainda os gráficos reais da reunião fora da empresa que ele havia conduzido ele mesmo antes de passar o projeto para Dave. Ele furiosamente mandou um e-mail requisitando informações para seus funcionários, torcendo para que eles, sendo as pessoas compulsivas que ele sabia que eram, estariam em casa trabalhando. Finalmente, ele ligou para sua agente de viagens e fez com que ela mudasse seu voo para mais tarde naquela noite. Ele perderia o coquetel e o jantar, mas não havia outro jeito. Ele tinha que terminar sua apresentação – sua reputação e carreira dependiam disso.

O táxi de Frank parou na frente do hotel. Ele saiu, recusou ajuda com as bagagens do carregador, e rapidamente se dirigiu para a mesa de registro para fazer o check-in. Virando-se para o elevador, Frank avistou John, seu chefe, andando pelo bar da entrada. Antes que ele conseguisse evitá-lo e entrar no elevador, John acenou. “Frank, Frank, estou feliz que você conseguiu chegar. Ficamos preocupados; como estão as coisas em casa?”.

“Oh, John, bem. Eu precisei mudar o voo por uma questão familiar. A mãe de Sally ligou...”

“Sem problema, Frank, eu entendo. Veja, eu realmente amo sua apresentação. Acho que uma premiada. Você realmente conseguiu dessa vez”, disse John entusiasticamente, batendo nas costas de Frank e puxando-o de volta para o bar.

“Você acha?”, perguntou Frank, não sabendo que apresentação John estava falando sobre.

“Sim, as ideias são tão novas; exatamente o que precisamos para nos tirar dessa crise e reconquistar a confiança do conselho em nós”, disse John enquanto pedia dois martinis. “Você sabe, você é bem esperto, Frank. Você nunca mencionou nada disso comigo na sexta – queria me surpreender no café-da-manhã antes da reunião?”

“Bem”, chiou Frank, perguntando-se o que realmente estava acontecendo. “John? Qual versão da minha apresentação eu te mandei?”

“Oh, eu assumo que era a final”, disse John enquanto o bartender colocava suas bebidas. “Eu peguei com Dave, mais cedo nesta manhã”.

Frank pegou seu copo e bebeu metade do seu Martini antes de dizer: “Dave?”.

“Sim, ele ligou e me disse que você alguns assuntos em casa e que não tinha certeza se você conseguiria chegar para a reunião. Então ele se adiantou e enviou a última versão, sabendo que você estava preocupado”. John pausou. “Sabe, ele realmente tinha o material certo, não tinha?”.

“Eu...Eu..”, gaguejou Frank.

“E você, dedicando um slide inteiro agradecendo Dave e o time pelo seu trabalho. Um pouco demais, Frank – o slide, digo – mas algo legal de qualquer forma”. Frank terminou sua bebida e sorriu fracamente.

“Você parece ter tido um dia difícil, Frank. Gostaria de mais um?”.

Ato III, Cena II – Um legítimo erro?

“Eu estava na lista para receber esse e-mail do Dave?” perguntou Frank, enquanto terminava o segundo Martini e pegava seu paletó. “Eu acho que você estava, Frank. Mas, por que você não confere esta noite, e se os arquivos não tiverem chegado, me chame e repassarei”, ofereceu John, enquanto se dirigiam ao elevador.

Frank desceu do elevador em seu andar do hotel e pegou sua chave. Ele passou sua chave na trava duas vezes antes que a porta do quarto do hotel se abrisse. Ele entrou, deixou sua maleta perto da porta, e jogou seu computador na cama. Ele

rapidamente puxou seu laptop para fora do estojo, apertou o botão de ligar enquanto levantava a tela, e andava para a mesa à procura de uma entrada para internet. Colocando o laptop na mesa, ele pegou o cabo e conectou. Levaria alguns minutos antes de seus sistemas estar pronto, então ele pescou alguns dólares de seu bolso, pegou um copo, e deixou o quarto, dirigindo-se para a área de vendas. Os sons sussurrantes da máquina de gelo o guiaram pelo corredor e virando a esquina, onde a encontrou. Ele sabia que ficaria acordado até tarde; cafeína era uma necessidade para combater os dois martinis que havia tomado com John mais cedo no bar. Pouco tempo depois já estava com dois refrigerantes e um copo de gelo em suas mãos, e estava a caminho de seu quarto. É bom que haja um e-mail de Dave, ele pensou consigo mesmo, ficando cada vez mais irritado e começando a andar mais rápido.

Linhas após linha do e-mail desceram por sua tela. A maioria delas era lixo. Mas então finalmente ele viu, um e-mail de Dave. “Ok, vamos ver o que é isso”, ele murmurou para si mesmo enquanto ele abria o e-mail de Dave. Havia um anexo, um sinal positivo – o primeiro em muitas horas. Frank leu a mensagem:

Frank: eu vi a sua mensagem no celular; não entendi do que você estava falando. Eu deixei o disco na sua mesa na sexta à tarde. De qualquer forma, eu fui até o escritório e achei o disco no chão do seu escritório. Acho que você saiu correndo com a pasta e então o disco deve ter caído. Aqui está. Eu inclusive mandei uma cópia para o John em caso de você não conseguir; você parecia perturbado.

“Deixou o disco no meu escritório?” disse Frank em voz alta. Como alguém tentando freneticamente achar uma série de momentos perdidos, Frank retomou seus passos da última sexta à tarde repetidamente em sua cabeça. “... caiu no chão?” Frank estava confuso, mas ele tinha que ficar focado. Estava ficando tarde e ele ainda tinha que se preparar para a reunião do dia seguinte. Ele clicou no anexo do e-mail e abriu o primeiro slide da apresentação. Ele lentamente foi passando pela apresentação, parando aqui e ali para ler o texto. No primeiro gráfico, ele se demorou um pouco e estudou as figuras. Frank abriu o arquivo original que ele havia pego em seu escritório e procurou o mesmo gráfico. Ou será realmente que era o mesmo? Não, os gráficos eram diferentes, muito diferentes. De fato, com exceção de algumas partes do material e gráficos introdutórios, a apresentação inteira era diferente daquela que ele havia pego em sua mesa na última sexta. A cabeça de Frank estava oscilando entre tentativas de responder

à pergunta, O que diabos aconteceu?, e tentativas de focar no que ele deveria falar durante a reunião amanhã.

Tomando mais um gole do refrigerante, Frank continuou a revisar a nova apresentação. Ele gostou do que leu. Eventualmente, uma sensação de profunda calma tomou conta dele. Isso é bom; isso é muito bom, Frank pensou, sorrindo. Terminando de revisar a apresentação e escrever notas para sua fala, Frank guardou seu computador e foi para cama. O comitê vai realmente gostar disso, ele pensou, cobrindo-se com as cobertas e apagando a luz. “Dave conseguiu”, pensou.

A calma em sua mente não durou muito. Mas, como eu poderia ter deixado o disco no escritório? Eu coloquei tudo que encontrei na minha maleta. Frank começou a fazer os exercícios de respiração profunda que aprendeu no curso de controle de estresse. Não é surpresa John estar satisfeito, isso é realmente um plano criativo e bem pensado, Frank suspirou, sorrindo de novo, enquanto ele tentava se concentrar nos positivos. Que bom que eu encontrei John na entrada e ele falou sobre isso. Eu talvez não ficaria sabendo disso até a manhã – que pesadelo – se Dave não tivesse encontrado o disco no meu escritório. Ele realmente encontrou?

Os olhos de Frank estavam abertos, a paranoia começando a lhe tomar conta.

Ato III, Cena III – Vamos almoçar

Mesmo tentando o máximo que podia, Dorothy não conseguia parar o toque de celular de tocar no seu ouvido. Seus olhos abriram, e ela percebeu que estava na sua cama em casa e que o telefone tocava. “Alô”, ela disse sonolenta. Abrindo mais seus olhos para ver o relógio.

“Quem é? Dave? São oito da manhã, Dave. E é domingo”, ela se lembrou caindo de volta nos seus travesseiros, o telefone em seu ouvido. “O que foi?”

“Sim, você me acordou”, ela resmungou. “Eu estive fora noite passada. Não voltei antes das duas 2h.”

“Claro, estou sozinha”, ela disse, distraidamente. “Jesus, Dave. Cuide da sua vida”.

“Que?” ela perguntou, não entendendo o que Dave estava dizendo. “Isso não pode esperar até amanhã?”

Dave começou sua história.

“O que a reunião com o comitê executivo tem a ver comigo?” ela perguntou, sentando-se. “Por que eu deveria –” Dave a cortou. Ele explicou que Frank estava com problemas porque ele não havia pego a apresentação para a reunião que viria. John, o chefe de Frank, estava desapontado com suas ideias para o ano vindouro e queria uma apresentação completamente nova para segunda. Frank ligou para Dave, desesperadamente precisando de sua ajuda. Dave viu que aquela era a oportunidade perfeita para Dorothy para colocar seu material para aqueles que contavam.

Enquanto as palavras de Dave vagorosamente passavam, ela se levantou da cama. “Você quer o que?” ela disse, indo para a cozinha para fazer um pouco de café. “Deixa eu ver se entendi: John está puto com Frank porque as novas ideias de produto do Frank são um lixo, e você quer que eu te de meus trabalhos para que então você possa dar para o John? Estou entendendo certo, Dave?”

Dave continuou.

“Não estou interessada, Dave”, interrompeu Dorothy. “Meu chefe ainda nem viu meu projeto. Por que eu deveria dar pra você, Frank, John ou quem quer que seja?”

Dave explicou seu plano mais a fundo.

“Ah, com certeza você vai pôr meu nome nele”, ela disse, revirando os olhos. “Não nasci ontem; eu sei como você funciona”. Dorothy assistiu o café pingar enquanto Dave persistia em dizer a ela que aquilo era a sua melhor chance de ter suas ideias mostradas para o comitê executivo e com o suporte de ambos Frank e John.

“A ideia de te dar minha apresentação para o comitê realmente não me apetece, não importa o quão ‘oportuno’ seja o momento”, ela disse, pegando uma xícara limpa da prateleira.

Dave explicou melhor.

“Não é você quem vai dar a apresentação? Então, quem vai?”

“Frank vai passar a apresentação – como se fosse dele?”

“Como nossa, sua e minha, então? Mm-hmm”.

“Por que Frank iria querer apresentar minhas ideias – antes de ver, diga-se – para seu chefe, só porque você pediu para ele?”.

Dave respondeu.

“Deve ser legal ter a confiança do seu chefe, Dave. Realmente não estou interessada”, ela disse, colocando seu café e tomando um gole. “Sim, Dave, eu sou sua amiga”, ela disse, não acreditando que Dave usaria essa tática. “E, você é meu amigo. E

a única razão você ligou – não por Frank ou John ou pelo bem da empresa – é para ajudar sua amiga Dorothy”.

Dave interrompeu de novo, dizendo a ela que ela poderia sair a heroína, e Frank estaria em débito. Frank nunca mais confrontaria nenhuma de suas futuras ideias, e ela ainda poderia conseguir uma promoção como resultado de sua exposição de seu trabalho para o comitê executivo.

Dorothy tomou outro gole do café e pensou. “Como sei que posso confiar em você, Dave?” ela perguntou, intrigada apesar de tudo. “Juntos? Nós vamos montar a apresentação juntos – juntos, você e eu. Eu coloco meu nome nela. Você vai dizer pro Frank que a ideia era minha”.

Dave respondeu a cada preocupação dela, tranquilizando-a a cada momento. Dave respondeu á sua voz, alcançando seu coração.

“Sim, eu tenho meu computador em casa. Por que, o que você está pensando? Você quer vir aqui? Hoje? Para trabalhar no... Nos seus sonhos, Dave”, ela disse exasperadamente.

Dave continuou. Não, ele não iria convencê-la. Não, ele não iria dizer para todo mundo que ele esteve em seu apartamento. Sim, ele iria trazer almoço.

“Hmmm”, suspirou Dorothy. “Vou te dizer uma coisa, Dave. Você pode vir e nós vamos trabalhar nisso juntos. Mas, se eu mudar de opinião em qualquer momento enquanto estivermos trabalhando, o acordo acabou. Entendeu?”.

Ato IV – Tirando as dúvidas

Frank acenou para o segurança assim que estacionou seu carro próximo do prédio. Ele pegou sua maleta e foi diretamente da entrada até a cafeteria para seu café. Era terça, dia gourmet especial, então ele foi direto para a parte boa. Ele sempre gostou de chegar cedo depois de uma viagem a trabalho para que ele pudesse se adiantar no trabalho que ele sabia que havia se acumulado durante sua ausência. Acenando para alguns funcionários enquanto saía, ele foi para o seu escritório, acendeu a luz, parou e olhou. Seu escritório parecia o mesmo de antes quando saiu sexta à noite, exceto pelo cesto de lixo que havia colocado próximo da porta e que Marissa, a supervisora de limpeza, havia esvaziado e colocado de volta para trás de sua mesa.

“Hmmm”, ele murmurou enquanto andava até o aparador, colocando sua maleta e abrindo-a. Ele se virou, e assim que colocou seu café no canto de sua mesa, ele viu um disco de computador em uma pasta amarela em cima da pilha de papéis que ele tinha deixado. “Ouvi que a reunião foi muito boa”, disse Dave da porta.

“Sim, foi. Eles gostaram do material”, disse Frank, pegando o disco.

“Essa passou perto, não passou”, disse Dave, rindo.

“Dave, entre. Vamos conversar”, disse Frank, decidindo em tomar uma abordagem mais firme com Dave; ele queria ir a fundo no que aconteceu durante o fim de semana. Dave se sentou do outro lado da mesa e cruzou as pernas. Frank continuou, segurando o disco em sua mão e balançando-o. “Dave, o que aconteceu no domingo? Eu tentei falar com você depois que vi o material que você deixou para mim. Eu estava –”

“Eu estava fora aquela manhã”, interrompeu Dave. “Quando recebi sua mensagem, percebi que algo terrível havia acontecido. Eu corri até o escritório, torcendo para que fosse apenas um erro – que talvez você tivesse deixado cair o disco enquanto saia – e encontrar aqui”, Dave se virou um pouco e mostrou o centro do carpete, “então eu imediatamente percebi o que aconteceu. Eu sabia que você já estava no avião, então eu decidi mandar um e-mail para você e John só em caso de você não estar com o seu computador com você”.

Dave pausou e Frank virou o disco amarelo em sua mão, perguntando, “Isso é o que você deixou para mim para a reunião?”.

“Sim, Frank, por quê?” Dave parecia confuso. “Eu não fiz a coisa certa ao mandar o arquivo para a reunião?”

Frank foi até sua maleta e pegou o disco azul que ele tinha achado no pacote de Dave na sexta. “Então o que é isso?” ele perguntou.

“Isso é meu esboço. Azul é para esboços, amarelo para o produto final”, disse Dave factualmente.

“Dave, não tinha nada na pasta que indicava que havia um arquivo para um produto final, ou amarelo ou o que seja. Por que você me deu o disco de esboço, quando eu...”.

“Frank”, disse Dave, ficando sério, “eu te dei ambos os discos – não é minha culpa você ter deixado um deles cair pelo caminho. Eu fiz o que podia para ajudar. Foi um erro, eu entendo, mas eu não contei pro John sobre você ter deixado o material. Eu cobri as coisas e tudo deu certo, não deu?”.

“Dave...”, disse Frank.

“Frank, eu não sei o que você está implicando aqui, mas eu te dei meu material de esboço também porque eu sei que você é detalhista e gosta de checar o trabalho de todos. Eu pensei que você iria querer ver o material de fundo, também”.

“Seu esboço veio de uma revista!” disse Frank, subindo seu tom de voz, e fortalecendo seu tom.

“Eu sei disso”, desconversou Dave. “Não se lembra de apontar aquele artigo para mim como um exemplo de uma excelente apresentação? Eu o escaneei e o usei como um modelo para sua apresentação para o comitê. Eu pensei que era isso o que você queria. Não ficou tão bom quanto o artigo que você admirou?”.

Frank estava perplexo. A história de Dave fazia sentido. Sim, ele havia elogiado a história do concorrente e mostrado para Dave.

“E os números e gráficos?”

“Eles só estavam guardando os lugares até eu conseguir o material que eu estava coletando. O final tem o mesmo formato, mas com nossos números, gráficos, e fotos”. Dave parou, uma expressão séria cruzou sua face. “Eu não estava fazendo nada desonesto aqui, Frank, e estou um pouco desapontado que você esteja sugerindo que fiz”.

“Não estou sugerindo isso, Dave; só estou tentando entender o que aconteceu”.

“Bem, você disse você mesmo, você deixou cair o arquivo pelo caminho. Um simples erro; nada para se fazer um caso federal. Eu estava esperando ganhar um tapa nas costas tanto pela grande apresentação quanto por salvar o dia. Mas...”

“A apresentação foi incrível, Dave. Você fez um ótimo trabalho, obrigado. Estou sendo sincero. Todos se impressionaram”, disse Frank.

“Eu agradeço, Frank, obrigado. Temos carta branca?”

“Sim, estamos à todo vapor”, disse Frank sorrindo. “Junte suas recomendações para o time, e vamos nos encontrar amanhã para discutir a cronometragem.”.

“Sim, chefe!”, disse Dave, dando uma saudação brincalhona, mas sorrindo de orlha a orelha. Frank se levantou e deu sua mão a Dave; esses apertaram as mãos firmemente e Dave deixou o escritório.

Frank trabalhou o dia todo até o fim de tarde. Em torno das 19h30, Frank ligou para sua esposa para dizer que estava a caminho de casa. Ele às vezes pensa que tem que começar a pensar o tempo que gasta em seu escritório, mas sua esposa sabia se

empolgava e trabalhava até tarde. Assim que desligou, Pete, da limpeza, entrou. “Com licença, Sr. Frank”, ele disse passando pela entrada.

“Oh, está tudo bem, Pete, já estou saindo. Pode entrar.”. Frank fechou sua maleta, pegou seu paletó na parte de trás da porta do escritório, e acenou para Pete. Ele parou, pensou por um momento, e perguntou, “Marissa está por aqui esta noite?”.

“Sim”, disse Pete. “Ela está pelo corredor à esquerda”.

“Obrigado, e tenha uma boa noite”, disse Frank enquanto caminhava ao longo do corredor.

Ato V, Cena I – Se preparando para o ataque

“Tem um minuto?” perguntou Frank, espreitando o escritório de John. “Sim, claro, o que foi?” perguntou John, o vice presidente, soltando sua caneta.

“Preciso falar com você sobre o Dave”, começou Frank, entrando no escritório, fechando a porta e se sentando. “Estive ouvindo muitas reclamações sobre ele nesses últimos meses, e um dos meus melhores analistas acabou de pedir de ser transferido do time de projeto do Dave”. “Transferido? Isso não é bom. Você acha que é por causa do Dave?”.

“Bem, eu sei que é”, disse Frank, exasperadamente. “Um do meu pessoal falou comigo duas noites atrás, depois de horas, para me contar o que tem acontecido”. John inclinou-se para frente, interessado no que Frank tinha para relatar. “Ele disse que desde que o projeto começou, em torno de seis meses atrás, as coisas vêm piorando muito. Dave vem perturbando e dominando o time a tal ponto que muitos não querem mais trabalhar com ele. Aparentemente, ele não vem preparado, geralmente chega atrasado, deixando muitas pessoas desocupadas, grita com as pessoas, corta as pessoas enquanto fazem seus relatos, e as constrange se fazem sugestões. As pessoas estão com medo de falar, e estão perdendo o interesse no projeto porque sentem que não fazem nada certo para Dave”.

“Isso é bem estranho, Frank. Dave sempre pareceu um bom líder, e eu pensei que ele era querido. Conversou com ele sobre isso?”.

“Sim, a primeira vez foi há três meses atrás, quando li seu relatório provisório. Estava uma bagunça: uma mistura de materiais que ele parece ter juntado porque pedi. Não tinha organização, síntese, e sem ordem cronológica. Ele não podia – ou não iria –

nem responder algumas questões básicas sobre os detalhes e as figuras. Eu disse para ele que esperava mais do relatório, completo com sua análise pessoal e recomendações e mais detalhes sobre datas, custos e por aí vai”.

“Como ele reagiu?” perguntou Frank.

“Bem, no começo ele foi agressivo comigo, reclamando sobre como temos muitas reuniões nessa empresa, que eu deveria confiar nele, e tudo o mais. Precisei fechar a porta porque ele estava atrapalhando o andar. Depois que se acalmou, conversamos e eu delineei minhas expectativas. Ele pareceu entender e disse que iria melhorar”.

“Ele melhorou?” perguntou John.

“Sim, na verdade ele melhorou – dramaticamente, eu diria. Seus dois relatórios seguintes estavam incríveis. Eu não concordei totalmente com a cronologia, e parte do material estavam exageradamente egocêntricos, mas a maioria do conteúdo estava de acordo com que eu esperava. Então fiquei surpreso quando ouvi que as coisas tinham piorado no lado dos outros funcionários; eu tinha a impressão que o time estava trabalhando bem junto. Além do mais, algumas outras coisas surgiram.”.

“Poderia ser só um conflito de personalidade entre Dave e seu funcionário no time?” interrompeu John. “Talvez o estilo de Dave esteja ficando no caminho”.

“Não, eu acho que não. Esse é o segundo pedido de transferência essa semana, e minha secretária ouviu outros rumores pelo departamento. Ele tentou dar a um dos estagiários alguma coisa para escrever semana passada e ela disse a ele que precisaria primeiro de uma aprovação. Bem, ele fez uma cena por isso e a fez chorar antes que finalmente aceitasse. Além disso –”.

“Frank”, começou John, devagar, “preciso te dizer que Dave veio falar comigo há em torno de três meses. Ele reclamou que você estava ficando no caminho do caso dele”.

“Ele falou sobre mim?” disse Frank, primeiro surpreso, e então se incomodando.

“Sim, bem, estamos no time de softball, sabe, então entre uma cerveja e outra perguntei a ele como estavam as coisas, você sabe, o bate-papo usual, e ele começou com você. Ele parece ter um pavio bem curto”.

“O que ele falou?” perguntou Frank.

“Basicamente, girou em torno de você ser muito exigente, muito detalhista, coisas assim. Eu disse que é por isso que você é um dos grandes”. Os dois riram com prazer. “Eu também disse a ele que fazer as coisas dentro do tempo e dentro dos conformes era o que fazia o sucesso daqui, e ele que deveria se focar mais em te agradar.”.

“Então talvez tenha sido a sua fala que o revigorou, não a minha”, sugeriu Frank.

“Nem uma nem outra, Frank. Se ele está machucando o time e atrapalhando os outros, então esse é um problema. Você deveria encontrar com ele de novo”, começou John. “Você disse que o viu ontem?”

“Não”, disse Frank. “Queria primeiro falar com você antes, montar uma estratégia.”

“Acho que você poderia se encontrar com ele, dizer que você tem ouvido coisas, e ver onde isso te leva”, ofereceu John.

“Tem mais, John”, disse Frank, sério.

“Oh”, John pausou. “O quê?”

Frank continuou, “Ouvi que Dave não tem escrito os relatórios ele mesmo ou se encontrado com outros departamentos para coordenar fases diferentes. Até alguns cabeças dos outros departamentos estão se perguntando por que Dave não está se encontrando com eles ele mesmo. Alguns dizem que ele não está fazendo nenhum dos trabalhos que ele deveria fazer. Aparentemente, Dorothy está fazendo a maioria do trabalho pesado para ele”.

“Não há nada de errado em delegar trabalho, Frank. Talvez ele a esteja desenvolvendo, ou ela só quer ser útil.”. John parou e pensou. “Dorothy? Ela é uma das suas, não é?” ele perguntou.

“Não, ela é da área do Jerry. Dave insistiu que a colocássemos no time porque ela era extremamente motivada e poderia ajudar com as ilustrações. Eu realmente não tinha problema com isso e nem Jerry”, adicionou Frank.

“Hmmm, isso é estranho. Dave estava reclamando sobre alguma mulher no time – eu não acho que ele me disse seu nome – que não estava aguentando carregar o próprio peso. Ele a estava culpando por alguns dos atrasos; ele tinha que ficar sempre ajudando e consertando os erros dela. Sugeri que a tirasse do time, mas ele disse que você não permitiria isso; você havia feito um acordo com Jerry de dar a um de seus bons funcionários certa orientação ao processo de desenvolvimento do produto e não voltaria atrás.”.

“Bem, não. Colocar Dorothy no time foi ideia do Dave, e, curiosamente, Dave nunca reclamou comigo sobre ela. Jerry tem grandes expectativas nela, sim, mas ela precisa de experiência. Eu absolutamente nunca ouvi que ela não estava indo bem; na verdade, Dave fala bem dela o tempo todo. Ele acha que Jerry a está segurando”. Frank e John se olharam.

Depois de uma pausa, Frank continuou. “Nós temos – eu tenho – um problema, John. Há muitas contradições aqui. Preciso lidar com isso”.

“Você está certo, nós precisamos descobrir o que realmente está acontecendo. Olha, eu tenho uma reunião em poucos minutos. Por que não volta aqui mais tarde? Traga os documentos de Dave e o que mais você conseguir. Vamos rever tudo primeiro, e então decidir o que fazer.”.

“Ok”, disse Frank, levantando-se e indo até a porta. “Eu espero que isso seja um grande mal-entendido”, ele suspirou.

“Difícilmente, Frank”, disse John.

Ato V, Cena II – Desmembrando o quebra-cabeça

Frank chegou no escritório de John um pouco depois das 15h, seus braços cheios de documentos.

“Quer um pouco de café?” perguntou John, próximo do aparador com uma jarra de café em suas mãos.

“Sim, seria ótimo. Acho que vamos ficar por aqui por um tempo”, respondeu Frank, colocando seus documentos na mesa com o café e indo até John. “O que descobriu?” perguntou John.

“Muitas coisas, e não são boas. Aparentemente, o problema do time é só a ponta do iceberg. Falei sobre Dave com muitos dos funcionários do time, e ouvi alguns cabeças de outros departamentos, incluindo Tim do setor de compras e Matthew da segurança.”.

“Segurança? Nossa, isso vai ser bom. Por que não começa do começo?”.

“Bem, começou Frank, “enquanto checava os documentos pessoais de Dave eu percebi algumas discrepâncias entre sua carta de recomendação original, seu currículo, e sua conta bancária”.

“Sim, que tipo de discrepância?” perguntou John, inclinando-se para frente. “Aparentemente, ele listou três diplomas universitários diferentes, embora bem similares, nesses documentos. Eu não estava certo se isso foi intencional ou um erro, então pedi também para a Melanie checar seu nível educacional. Parece que uma das universidades em seu currículo era na verdade uma fábrica de diplomas online. É falso”.

“Por que a Melanie não nos mostrou isso antes?” perguntou John com preocupação.

“Bem, ela não tinha checado seu histórico porque nós oferecemos o trabalho para ele imediatamente, lembra? Ela disse que normalmente ela verifica essas coisas assim que –”.

“Eu lembro, sim, nós nos precipitamos”, disse John, balançando a cabeça. “O que mais ela descobriu?”.

“Ele não tem ficha criminal”.

“Bom saber”, interrompeu John.

“Mas ele tem algumas questões. Nada realmente sério, mas desde que estamos olhando mais profundamente, pedi para ela pegar tudo que conseguiria”. Frank bebeu seu café e continuou, “Eu também encontrei uma nota em seus documentos do Tim pedindo ao Dave para –” Frank puxou a nota e leu, “ ‘pare de suprimentos e equipamento diretamente ao provedor’ ”. Frank olhou para frente e viu John olhando para ele. “Sim, aparentemente ele tem usado sua assinatura para autorizar a compra de um novo computador, e outras coisas sem se comunicar. Eventualmente, um dos auditores internos perguntou para o Tim e ele pôs uma nota para Dave”.

“O que Dave disse pro Tim?” perguntou John.

“Disse que sentia muito, que era novo na empresa, não faria de novo, et cetera.”.

“E ninguém mencionou isso antes com você?”.

“Não, Tim acreditou em Dave e decidiu uma cópia do recado em seus documentos pessoais se acontecesse de novo”, disse Frank. “Melanie também sugeriu de falar com o Matt da segurança, e ele me disse que Dave causou uma cena um dia quando um guarda não o deixava estacionar”.

“Bem, o grupo do Matt às vezes pode levar as coisas para outras proporções”, disse Frank.

“Não foi o único incidente. Dave tentou entrar no prédio depois de horas quando ainda era novo e não tinha o cartão de acesso. Ele aparentemente foi agressivo com a moça da recepção, ameaçou-a de ser demitida, e por ai vai. Então ela escreveu sobre. Eventualmente, ele me pediu o acesso, e agora, de acordo com Matt, Dave e esse guarda são ‘melhores amigos’”.

“Por favor, não vamos começar nenhum rumor sobre esse tipo de coisa”.

“Tenho mais da Melanie”.

“Ok”, disse John, tomando um segundo gole de café.

“Ela tentou checar algumas das referências de Dave e achou que entre as quatro listadas, um não trabalha mais na empresa, dois deram comentários neutros, e um disse que era um ‘cara legal’. Entretanto, Melanie disse que quando o telefonema foi respondido no último, soou mais como uma casa de fraternidade do que como uma companhia”. John franziu as sobrancelhas, e Frank continuou, “então ela pesquisou um pouco e apareceu com dois contatos das últimas duas empresas que concordaram que ele era problema.”. Frank pegou suas anotações e leu, “Abre aspas ‘Ele é cachorro louco, sempre maltratando as pessoas, mente muito, um babaca’, fecha aspas”.

“Parece com o que as suas pessoas estão te dizendo”, colocou John.

“Sim, as coisas se encaixam. E o projeto do novo produto –”.

“Sim?” disse John, hesitante.

“Toda a ideia, do conceito ao plano de ação, até a proposta de apresentação para o comitê executivo, foi trabalho de Dorothy. Dave apenas aproveitou e pegou as ideias para ele.

“Você conseguiu isso do Jerry?” perguntou John.

“Sim, ele nunca suspeitou, mas Dorothy achou uma cópia da apresentação na mesa do Dave e viu que seu nome não estava nela, então ela confrontou Dave na reunião dois dias atrás. Ele falou sobre, dizendo que eu que tirei o nome dela dos slides. Ela então foi até Jerry, que veio até mim esta manhã, mas eu já tinha a história toda do cara que quer sair do time”.

“O que mais?” perguntou John, terminando seu café e colocando a caneca na mesa.

“Isso resume tudo; tem mais incidentes e outros detalhes, mas a ideia básica é que Dave não é o cara que pensávamos ser. Ele não é confiável. Eu não confio nele.”.

“Eu concordo, ele não pertence aqui”, disse John, olhando seu relógio. “Melanie já saiu; vamos até o escritório do Jack e ver se podemos encerrar esse caso hoje. Dave só ficou por dez ou onze meses, certo?” Frank acenou positivamente. “Que bom, não deve ser um problema. Melanie pode escrever a carta amanhã”.

Frank podia ver que as luzes ainda estavam acesas na ala executiva e ficou aliviado. Enquanto se encaminhavam pelo salão, eles encontraram Victoria, a secretária de Jack Garrideb, indo embora. “Oi”, disse John, “Jack ainda está?”.

“Você sabe que sim, John”, sorriu Victoria. “Sr. Garrideb nunca sai antes do pessoal da limpeza chegar”.

“Sim, você está certa”, disse Frank, sorrindo. “Ele está ocupado?”.

“Está com alguém em seu escritório. Não vi quem; eles devem ter entrado enquanto eu estava na copiadora. Mas você pode ficar e esperar, se quiser”.

“Nós vamos”, disse Frank, sorrindo para Victoria enquanto ela saía. John e Frank se sentaram próximos da mesa de Victoria, posicionando-se de tal forma que pudessem ver quando Jack teria terminado seu encontro e aberto a porta. Eles usaram o tempo para rever o material sobre Dave e montar uma estratégia para como informar Jack. Considerando o que sabiam de Dave agora, havia poucas opções. Na verdade, eles só viam uma. Concordaram em o que cada um falaria, e Frank pegou as anotações.

Vinte minutos passaram. Sons eventuais de risadas vinham do escritório de Jack. Frank e John sorriram entre eles, lembrando-se da primeira vez que ouviram a risada de Jack na empresa. Suas atenções então voltaram para a porta e para o encontro que eles ansiavam.

A voz de Jack ficou mais alta já que havia se levantado de sua cadeira e se aproximado da porta e deixado seu visitante sair. Frank e John pegaram suas anotações e se levantaram. “Então vamos deixar para beber outra hora, certo?” perguntou Jack, batendo nas costas de seu visitante. “Pode apostar”, disse Dave, apertando vigorosamente a mão de Jack, e se virando para sair do escritório.

Era um daqueles momentos em câmera lenta, típico de cenas de carros batendo, quando seus olhos encontraram os de Dave. Frank e John permaneceram mudos, mal conseguindo manter seus queixos de caírem. Dave parou, sorriu abertamente, e com uma piscadela disse, “Olá, caras, sempre bom ver vocês”, antes de passar por eles em direção ao corredor.

Ato V, Cena III – A ascensão e a queda

Dave se sentou em sua mesa admirando as árvores em seu jardim. Ele acreditou estar doente aquela manhã, decidindo dar uma parada por alguns dias.

Aqueles ramos precisam ser cortados, ele pensou, encontrando galhos mortos em um carvalho na borda do lugar.

Ele verificou o seu e-mail a maior parte do dia por algo interessante e se perguntou o que estava acontecendo lá na empresa. Finalmente, ele escreveu um recado para sua

secretária. “Denise, sentindo-me um pouco melhor, mas ainda tossindo”, ele escreveu. “Qualquer coisa que eu precise saber sobre antes do fim de semana?”.

Poucos momentos depois ele teve sua resposta que tanto esperava, “Frank foi mandado embora! Marge está em seu escritório chorando, e o resto de nós está em choque”, ela escreveu.

Dave sorriu e pegou seu telefone. Praticava sua tossida enquanto ligava. “Meu Deus, Denise, não acredito!” ele exclamou, quando Denise atendeu.

“Sim, Dave, apenas aconteceu. Não sabemos por quê”, ela disse, segurando as lágrimas.

Dave perguntou o que ela ouviu, e ela disse a ele tudo o que sabia. Ele tinha feito muitas perguntas e parecia saborear cada detalhe que Denise poderia contar. Dave garantiu a ela que tudo ficaria bem e então desligaram.

Dave respirou profundamente, aproveitando o ar fresco, e então ligou de volta para Jack Garrideb. “Olá, Jack. Como foi?”.

“Como eu esperava”, respondeu Jack, cansado. “Vai se espalhar rápido, tenho certeza”.

“Sim, Denise acabou de me ligar, muitos estão em choque, aparentemente. Alguma coisa a meu respeito?” perguntou Dave em antecipação.

“Nada ainda. Vamos fazer o RH te mandar o rascunho do anúncio sobre sua promoção para você revisar. Acho que você vai querer adicionar um pouco no seu plano de fundo. Mande de volta para o departamento de comunicação na segunda. Vamos lançá-lo na terça, depois que as coisas se acalmarem um pouco”.

“Claro, certamente”, assumiu Dave.

Dave desligou e sorriu. Serviu-se de outra taça de vinho e andou pela borda de sua cobertura. Ele olhou seu jardim e torrou o carvalho com o galho morto. “Às vezes você tem que cortar os galhos mortos”, ele disse em voz alta, tomando um gole. “A vida é incrível.”